

BROTAS: NATUREZA E ESPORTES DE AVENTURA, CERTEZA DE DIVERSÃO?

Renata Barrocas*

O turismo é serviço pessoal, e como tal, só pode ser consumido com o turista visitando a destinação. Este contato poderá ser benéfico ou prejudicial para a população anfitriã (COOPER, 2002: 202). O turismo é um produto totalmente baseado na produção e no consumo simultâneos.

A proposta deste texto é apresentar a importância do impacto do turismo sobre a população e discutir sobre alguns autores que se dedicam a esta temática. O lugar escolhido para a realização desta pesquisa é o município de Brotas, considerada atualmente no Estado de São Paulo referência para prática dos esportes de aventura.

A Transformação de Brotas em Atrativo Turístico

Assim como muitas cidades paulistas de pequeno porte, o município de Brotas tem sua história entrelaçada à agricultura, pastagens, rotina diária pacata, mas a descoberta de sua Geografia transformaram-na em lugar para muitos, através do turismo. O que antes era local desconhecido e comum passou a ser lugar visitado, lúdico, divulgado, apreciado.

Há aproximadamente dez anos o cenário urbano de Brotas começou a sofrer transformações. Quando imaginamos uma cidade pequena e sua população não damos conta da relação intrínseca que existe em cada morador com sua rua, seu bairro, seu vizinho, suas esquinas, seu comércio, a relação com outros bairros, com a área rural. O limite que separa cada um destes itens é muito pequeno. Ou melhor, geograficamente, a escala é local, as distâncias são muito curtas, portanto grande parte dos moradores se conhece especialmente os mais antigos que estabelecem relações familiares e de amizade de várias gerações. Sabem de cada possível mudança que pode ocorrer na cidade, e abalar sua pacata rotina. O urbano e o rural são muito próximos e se complementam.

São muitas as cidades pequenas que possuem esse perfil. Então, o que fez uma cidade como Brotas transformar-se na capital dos esportes de aventura conhecido em âmbito nacional? Fatores naturais como a presença da cuesta basáltica e o rio Jacaré Pepira e a tomada de consciência (OLIVEIRA, 2002: 47) de uma população que começou a se descontentar com a possibilidade de uma agressão ambiental com este rio, que podemos atribuir como a alma deste lugar. Se todo lugar possui um símbolo, uma referência, o de Brotas tem nome, chama-se Jacaré Pepira.

Através de exposições fotográficas de trechos do Jacaré Pepira que corta o município inteiro, a equipe denominada Movimento Rio Vivo, que hoje se transformou em ONG, apontou a importância das águas limpas do rio. Muitos moradores não tinham conhecimento da extensão e beleza do Jacaré Pepira. Foi a partir destas palestras envolvendo grande parte da comunidade que a cidade adotou o turismo como atividade geradora de renda.

Através do slogan Brotas: Turismo Sustentável, Sustente Esta Idéia, a Secretaria de Meio Ambiente, Turismo e Cultura da Prefeitura Municipal através da Diretoria de Turismo é a responsável pelo planejamento desta atividade no município.

No caso de Brotas, considerada como o principal local de práticas voltadas para o turismo de aventura no Estado de São Paulo, vários são os investimentos realizados no local, através da implantação de serviços e equipamentos voltados para o turismo.

Através de excelentes rodovias como Bandeirantes e Washington Luís é possível o acesso para praticar esportes como *rafting*, *canyoning*, bóia-cross, canoagem, *trekking*, além da visita às cachoeiras Água Branca, Três Quedas, Bela Vista, Astor, Escorregador, Nova América, Recanto das Cachoeiras, Cassarova e Quatis, e Areia que Canta na Fazenda Tamanduá.

Com a formação da ONG Movimento Rio Vivo surgiu a primeira agência de turismo, que possui como proprietários moradores locais, que investem nos esportes de aventura, como principal atividade local. A agência preparou jovens da comunidade para o treinamento com equipamentos relativos as atividades desenvolvidas assim como cursos sobre turismo, educação ambiental, desenvolvimento sustentável. Durante as férias, feriados e eventos locais a população de Brotas triplica. Com isso equipamentos urbanos e turísticos surgiram para suprir esta demanda de turistas regionais, paulistanos e de outros Estados brasileiros.

No município de Brotas, situado no centro do Estado de São Paulo, na APA de Corumbataí, vêm se desenvolvendo, desde 1984, segundo Francisco (1999: 231), múltiplas atividades nas áreas de preservação e educação ambiental, recuperação de matas ciliares, gestão dos recursos naturais e, mais recentemente, ações de implantação do ecoturismo, como alternativa de desenvolvimento para o município.

Hoje, o turismo é um fator fundamental de desenvolvimento do município, pois este tem como vocação natural a capacidade de agregar novos valores a todos os setores, sejam eles econômicos, sociais ou ambientais.

Dentre os impactos positivos que a atividade turística proporcionou em Brotas destacam-se: promoção de maior conscientização ambiental e de manutenção dos atrativos naturais e culturais; alternativa econômica que agrega novos negócios à economia local, gerando novas oportunidades de emprego e lucratividade; promoção de intercâmbio cultural da comunidade com os turistas, permitindo uma troca mútua de conhecimentos; resgate do patrimônio histórico/cultural da comunidade; redução do êxodo rural e urbano; estímulo de melhorias na infra-estrutura básica da cidade, garantindo melhor qualidade de vida para a comunidade; surgimento de uma consciência municipal positiva, promoção espontânea da cidade, agregando valores culturais, históricos e ambientais; estímulo à melhorias na infra-estrutura dos atrativos turísticos.

Quanto os impactos negativos destacam-se: o aumento na geração de lixo e esgoto no município; saturação e pisoteamento de trilhas, descaracterização da paisagem e do ambiente (decorrência da falta de planejamento e do controle da capacidade de carga dos atrativos); excesso de turistas na cidade, sítios turísticos e atrativos naturais nos períodos de pico (feriados prolongados); crescimento da economia informal, especulação imobiliária; saturação da infra-estrutura de hospedagem nos feriados prolongados; qualidade na prestação de serviços turísticos e alimentação que fica comprometida

(feriados prolongados); surgimento de turistas não qualificados, gerando bagunça, excesso no consumo de bebidas e depredação do patrimônio público; aumento no risco de pane do sistema de abastecimento de água e luz.

Em janeiro de 2004, Brotas registrou um acidente com morte durante a prática do *rappel* numa cachoeira de 45 metros. A partir deste fato surgiram algumas questões: “*quais serão as medidas tomadas para aprimorar a segurança das pessoas que praticam os esportes de aventura?*”; “*qual tipo de treinamento são submetidos os monitores?*” “*o que regulamenta este treinamento?*” ; “*quais são os responsáveis pela fiscalização?*”

O COMTUR é um dos responsáveis pelos detalhes da lei que regulamenta os esportes de aventura fornecendo detalhes, obrigações e responsabilidades. Brotas é o único local no Brasil que possui normas vinculadas aos esportes de aventura. Estas normas para resistência dos equipamentos são baseadas em modelos americanos e europeus.

O município realiza intercâmbio com bombeiros que ensinam os primeiros socorros e aprendem com os monitores os esportes de aventura. A Prefeitura Municipal foi questionada quanto a implantação de um posto de bombeiros, uma vez que o mais próximo situado na cidade de São Carlos dista 75 km. A justificativa é de que os freqüentadores do município em sua maioria (90%) são paulistas, o que remete ao Estado a competência de oferecer segurança, entendida como uma obrigação constitucional, além de mencionar a colaboração da Prefeitura com a Polícia Civil, Militar, Rodoviária e criação de uma Guarda Civil Municipal para suprir a lacuna da organização policial estadual.

A fiscalização dos esportes de aventura é realizada pelos guardas municipais. A importância de um corpo de bombeiros é essencial para a capacitação dos monitores.

Para a garantir a segurança dos visitantes evitando situações que apresentam algum risco à sua integridade física algumas informações são essenciais: procurar saber qual é a capacitação da agência escolhida, o tempo de experiência do guia nas práticas esportivas, e se possui contrato com seguradora para o praticante apresentando todos os riscos. O turista não deve ter como prioridade somente o preço das atividades e sim a qualidade dos serviços oferecidos pelas agências. Vale salientar, que o praticante em Brotas assina um contrato de responsabilidade antes da prática dos esportes de aventura. A divulgação de iniciativas de normatização dos esportes de aventura e apresentação de seus riscos a integridade física são essenciais em um local onde há atrativos turísticos trazendo desta forma credibilidade aos turistas.

A relação entre a comunidade e os turistas

Ainda que o desenvolvimento do turismo possa acontecer de várias formas, um típico cenário de desenvolvimento considera o produto turístico indo desde a infância até a maturidade e se parece com algo assim: alguns turistas “descobrem” uma área ou destinação; em resposta a esta descoberta, empreendedores locais oferecem instalações novas ou especiais para acomodar o número crescente de visitantes e atender suas necessidades; mais importante, eles fornecem os meios para atrair mais visitantes no futuro; o setor público fornece infra-estrutura nova ou melhorada para atender ao afluxo de visitantes; por fim, o turismo de massas ou institucionalizado é desenvolvido, geralmente baseado em *resorts* e vendido em forma de pacotes. Baseia-se em técnicas

de grande volume de produção, para explorar economias de grande escala, em marketing, hospedagem e transporte. Muitos planos nacionais e regionais de desenvolvimento turístico têm tentado fazer atalhos nesse ciclo evolutivo, tendo como objetivo diretamente o estágio final do turismo de massas, mas são poucas as destinações que podem dar esse salto sem capital e especialização externos e riscos de tensões sociais graves (COOPER, 2002: 203)

Vale ressaltar que cada comunidade é diferente e deve ser entendida como única. Há que ter respeito pelas especificidades, não havendo modelos a imitar.

Na literatura especializada é possível verificar que as comunidades hospedeiras caracterizam-se por formas distintas de participação nos projetos, que de acordo com Rodrigues (2003:37) são classificadas como participação imposta que consiste no envolvimento da comunidade em projetos desenhados por agentes externos, sem levar em conta suas necessidades prioritárias, nem escutar suas opiniões; participação consultiva, que fomenta o diálogo entre os agentes externos e os comunitários, com o fim de discutir e avaliar problemas, principalmente os de ordem econômica; participação endógena com acompanhamento, onde os comunitários tomam a iniciativa apoiados por agentes externos no setor consultivo e financeiro, passando a trabalhar conjuntamente a fim de manejar e controlar os recursos, tomando suas próprias decisões; participação endógena, apóia-se num protagonismo espontâneo, com diversos graus de conscientização, sem envolvimento de agentes externos.

Há vários fatores que deveriam ser levados em consideração quando desenvolve-se uma pesquisa com residentes. Em primeiro lugar, é importante que a população seja avaliada de forma mais ampla. Em segundo lugar, é importante estabelecer se quem responde ao questionário identifica corretamente quem é turista, ou não. Em terceiro lugar, áreas sujeitas à sazonalidade, merecem pesquisas em diferentes épocas do ano. Muitas vezes, um bom indicador da magnitude do impacto social do turismo é a velocidade com que os níveis de consciência, ressentimento e outras características declinam, uma vez encerrada a estação de pico da atividade turística. Onde há um significativo nível de declínio em seguida da estação de pico, pode-se supor que os impactos, ainda que sejam grandes durante o período de pico, estão embutidos tão profundamente na população local. Se os níveis de ressentimento continuarem altos durante os períodos que foram de pico, há uma possibilidade diferente, onde qualquer ação corretiva poderá ser fundamental, mesmo a ponto de reduzir os níveis máximos de fluxo turístico.

Vários autores discutem os impactos positivos e negativos do contato turista/anfitrião e, dentre os positivos percebidos na literatura estão: uma infra-estrutura melhor e maior, voltada para o lazer; mais parques à disposição do público e um reconhecimento maior da importância de conservar construções históricas. Quanto aos impactos negativos, revelam-se na preocupação com o fato de o turismo ir contra o modo de vida da população residente, destacando-se fatores como: aglomerações de pessoas, congestionamento do trânsito, barulho, sujeira, destruição de propriedade, poluição, alteração da aparência da comunidade, danos aos recursos naturais, diminuição do uso da terra e urbanização crescente.

Para Pearce (2001:145), o contato entre o turista e o residente é de extrema importância, pois quando os impactos negativos são ignorados, a resposta reflete-se nas decisões econômicas e políticas por parte dos residentes. O recuo da comunidade acarreta a retirada do apoio às autoridades/conselhos que promovem o turismo, má vontade em

trabalhar no setor do turismo, falta de entusiasmo na propaganda verbal do produto do turismo; hostilidade com os próprios turistas, que pode se manifestar em preços mais altos, rudeza ou indiferença quanto às experiências de férias dos turistas; atrasos na construção do desenvolvimento de turismo devido aos protestos da comunidade. Normalmente, o tempo que o turista permanece no local visitado é curto e cuidadosamente estruturado, sem necessidade de se adaptar à comunidade local. Outro fator está relacionado ao nicho que os turistas formam devido às suas condições econômicas. Mesmo jovens e nômades, continua o autor, a tendência é a de que observem e examinem a comunidade visitada. "*Nesta análise sustentaremos que a riqueza, a motivação, a transitoriedade e o status social do turista na comunidade anfitriã medeiam os efeitos do contato turista/residente (...) Alguns desses visitantes estão intensamente interessados em interagir com os residentes, ao passo que para outros a população é pouco mais que uma peça de cenário.*" (PEARCE, 2001: 147).

Ross (2001) discute vários índices para avaliar as interações e relações anfitrião/visitante. A escala tem quatro estágios: euforia, apatia, irritação e antagonismo. Dois destes métodos são os mais utilizados. O primeiro intitulado "*Modelo Irridex*" procura identificar e explicar os efeitos cumulativos do desenvolvimento do turismo sobre as relações sociais com o passar do tempo. Esse autor desenvolveu um modelo que postula um vínculo direto entre o estresse ou a irritação crescente da comunidade e o desenvolvimento contínuo do turismo. O segundo método apresenta uma seqüência, para demonstrar a relação residentes/turismo/turistas, baseado no ciclo de vida de um produto, classificando-o em: crescimento lento, rápido, estabilização, declínio e rejuvenescimento. Para esse autor, no início os turistas vão a uma área em números relativamente pequenos. O número aumenta quando o local passa a ser divulgado e começa a surgir uma infraestrutura turística que, quando bem promovida, começa a crescer provocando um aumento da popularidade regional. Quando a capacidade de manutenção desses fatores atinge seu limite, a taxa de crescimento da popularidade começa a declinar. Isso ocorre, segundo o autor, devido ao uso intensivo provocado pelo impacto dos turistas, acarretando um declínio da procura pelo atrativo.

Com relação ao apogeu das destinações turísticas, Ruschmann (1997:104) destaca um período de vinte anos, considerando possível a revitalização e rejuvenescimento dessas destinações através de um planejamento que possa modificar ou, se necessário, buscar novos mercados.

Estudos mostram que a percepção que os residentes têm dos impactos do turismo também parece uma função da relação residente/turista e está relacionada à capacidade de manutenção da área. Afirmam que a medida que o número de turistas para o de residentes aumenta, cresce também a percepção do impacto negativo sobre o ambiente físico, havendo, dessa forma, a necessidade de proteger o que resta dele. O contrário mostra que os residentes sentem-se mais satisfeitos com os efeitos do turismo com um número reduzido de turistas.

Nos estudos há esta contradição: todos querem o turismo para atrair o desenvolvimento do local e lucrar com a infra-estrutura e os serviços que a atividade proporciona, mas não querem que o patrimônio natural ou construído de sua localidade seja alterado.

Por isso a importância de se estudar a percepção dos moradores, uma vez que a reação dos visitantes não tem nada de uniforme e pode estar relacionada a um grande número de fatores locais específicos.

A exclusão de anfitriões de certas estruturas turísticas aumentará ainda mais a pressão de ressentimento e podem criar conflito entre a população anfitriã e os turistas. Felizmente, para o turismo, geralmente ele desenvolve-se em áreas em que existem poucas indústrias que ofereçam concorrência (especialmente manufaturas); portanto, ele ajuda a oferecer oportunidades de emprego onde podem ser muito necessárias.

BIBLIOGRAFIA

COOPER. C. et al. **Turismo Princípios e Práticas**. Porto Alegre: Bookman, 2002.

FRANCISCO JÚNIOR, J. C. de. *Processo de Desenvolvimento do Ecoturismo em Brotas*. In: **Turismo no Espaço Rural Brasileiro**. Piracicaba: Anais do Congresso Brasileiro de Turismo Rural, 1999. p. 229-234.

OLIVEIRA, L. *A percepção da qualidade ambiental*. **Cadernos de Geografia**, v. 12, .18, pp. 40-49, 1º sem. 2002.

PEARCE, P.L. *A relação entre residentes e turistas: literatura sobre pesquisas e diretrizes de gestão*. In: THEOBALD, W. F. (org.). **Turismo Global**. São Paulo: Senac, 2001. pp. 145-164.

RODRIGUES, A . B. (org.) **Ecoturismo no Brasil: possibilidades e limites**. São Pulo: Contexto, 2003.pp.29-46

ROSS, G. F. **Psicologia do Turismo**. São Paulo: Contexto, 2001.

RUSCHMANN. D. **Turismo e Planejamento Sustentável: a proteção do meio ambiente**. Campinas: Editora Papirus, 1997, p.104.

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar a importância do impacto do turismo em comunidades receptoras na cidade de Brotas no Estado de São Paulo e também apresentar alguns autores que se dedicam a este tema. Hoje Brotas é o principal local no Estado de São Paulo para prática de esportes de aventura como *rafting*, *canyoning*, *trekking*, *mountain bike* e outros.

Palavras-chave: turismo, Brotas, esportes de aventura, impacto do turismo, comunidades receptoras, Estado de São Paulo.

Abstract

The aim of this paper is deals to the importance of tourism impact in the host communities in Brota's town in the São Paulo state and and presents some authoress those dedicate about tourism impact in host communities. Nowadays Brotas is the main place in the São

Paulo state to practice adventure sports how rafting, canyoning, trekking, mountain bike and others.

Keys words: tourism, Brotas, adventure sports, tourism impact, host communities, São Paulo state.

* Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Geografia, (Organização do Espaço) do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista/UNESP, campus de Rio Claro; Bolsista CNPq - E.mail: renatarb@terra.com.br

DIMENSÕES DA ATIVIDADE TURÍSTICA : SEUS IMPACTOS E A EXPERIÊNCIA DA POPULAÇÃO LOCAL

Vera Lúcia dos Santos*

Tão dinâmica e difusa como a própria natureza humana, a atividade turística destaca-se na sociedade como uma das mais complexas, exigindo de todos os interessados no tema, especial atenção.

Como qualquer outra atividade humana, é fruto do atual estágio de desenvolvimento da sociedade; à medida que as sociedades vão se desenvolvendo, novas tecnologias são aplicadas, novas relações sociais e de poder são traçadas e, conseqüentemente, o novo vai sobrepujando o velho, sem apagá-lo completamente, mas atribuindo-lhe novas funções e novos valores que, aos olhos dos mais desavisados, podem parecer fenômenos totalmente recentes. É o que acontece com o turismo; hoje, enquanto movimento de milhões de pessoas que vão e vem pelos quatro cantos do planeta, é muito mais que uma das principais atividades econômicas mundiais; é um fenômeno antigo, mas que na atualidade apresenta-nos novas facetas, novas dimensões e novos desafios.

Diante de tantas transformações e revoluções, o turismo deixou de ser algo restrito às classes abastadas e passa a ser sinônimo de qualidade de vida, criando e recriando formas espaciais diversificadas. Universal e local, particularizado e ao mesmo tempo abrangente, traz em seu bojo paradoxos próprios das variadas crises que a sociedade enfrenta. Talvez uma das mais importantes seja a segmentação da atividade a fim de atender interesses e necessidades de grupos humanos distintos, num momento que o mundo vive a globalização, a revolução técnica-científica-informacional, a comunicação instantânea entre os povos.

Ao mesmo tempo em que as fronteiras entre os países vão perdendo o seu papel diante de novas territorializações econômicas, o lugar ganha forças e novos olhares, independente das tendências da marginalidade socioeconômica e da homogeneização cultural decorrente do processo de globalização. Agora, mais do que nunca, nele estão concretizadas as diferenças regionais, as tradições, a cultura, a força identitária de uma comunidade, além de patrimônios naturais que proporcionam aos visitantes um contato único e necessário com a harmonia do sistema natural, proporcionando-lhes energia para enfrentar os embates do dia-a-dia. Como nos diz Castells (1999:23) "*em um mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca pela identidade, coletiva ou individual, atribuída ou construída, tornou-se a fonte básica de significado social*", ou seja, cada vez mais, as pessoas organizam seu significado não em torno do que fazem, que muitas vezes, são atividades impostas por exigências econômicas e políticas, mas com base no que elas são ou acreditam que sejam. É preciso entender que a economia, a política, algumas necessidades culturais podem ser globalizadas, pois são frutos das diferentes atividades e interesses de alguns grupos sociais. Todavia, o homem em si, por natureza, é um ser que busca desafios, que aprecia o novo, que constrói novos símbolos e imagens a partir de novas necessidades e motivações. Compreender o ser humano, bem como todas as atividades por ele desenvolvidas, requer do pesquisador não cair no racionalismo abstrato e nem tampouco no niilismo intelectual; é preciso acreditar na criatividade e capacidade humana em reinventar situações, modelos e paradigmas.

Assim, discutir o fenômeno do turismo é muito mais que apontar seus números e discorrer sobre sua importância para as diferentes economias mundiais. É necessário também entendê-lo como agente modificador dos meios e modos de vida de diversas populações, numa relação intrínseca com as paisagens em todas as suas nuances.

Sendo assim, nesse texto pretende-se abordar os principais impactos decorrentes da atividade turística, entendendo-os como a gama de modificações ou seqüência de eventos, provocados pelo processo de desenvolvimento turístico nas localidades receptoras, destacando a relação da atividade com a população autóctone, afinal estão em contato permanente não só com os turistas, que são passageiros, mas acima de tudo, com as paisagens, com o lugar, que são vivenciados e experienciados cotidianamente.

A questão aqui não é negar a turistificação de áreas com características peculiares, procuradas cada vez mais pelos diversos segmentos do turismo. Deve-se buscar o desenvolvimento qualitativo e não apenas o crescimento econômico, sendo preciso, para tanto, a conciliação dos interesses da comunidade local, a conservação da natureza e o bem-estar do visitante. Nesse sentido, concordamos com Machado (2001:17) quando nos diz: *“necessitamos de um desenvolvimento centrado tanto na sociedade, isto é, na melhoria da condição de vida, quanto na conservação da natureza, isto é, na variedade e produtividade do meio natural. Conservação e desenvolvimento são partes essenciais de um único processo”*.

A inter-relação entre o turismo e as paisagens é incontestável, uma vez que esta constitui a matéria-prima da atividade. A deteriorização das condições de vida nos centros urbanos faz com que um número cada vez maior de pessoas procure nas férias ou simplesmente nos finais de semana, lugares aprazíveis, sossegados, de belezas naturais, onde possam sentir-se prontos para a batalha cotidiana. O contato com a natureza constitui, nos dias atuais, uma das maiores motivações das viagens de lazer e as conseqüências do afluxo em massa de turistas a estes locais – extremamente sensíveis, tais como as praias, o meio rural e as montanhas, devem necessariamente ser avaliadas e seus efeitos negativos evitados, antes que esses patrimônios da humanidade se degradem irremediavelmente.

A vida moderna marcada pela constante poluição sonora e visual, além de todos os tipos de violência e doenças provocadas pelo desgaste psico-físico das pessoas, são as principais causas da desejada fuga das cidades e da busca do verde, do reencontro com lugares, que muitas vezes fizeram parte da sua infância. Segundo alguns autores, nessas ocasiões, o homem urbano, agredido em seu próprio meio, também pode agredir os ambientes alheios. Trata-se de um círculo vicioso que é preciso romper através da real compreensão da abrangência da atividade turística, exigindo dos políticos, planejadores e dos estudiosos do tema um comprometimento com a conscientização das comunidades locais e dos turistas, visando a conservar o meio natural para atender não só as atuais necessidades, mas também garantir que gerações vindouras possam desfrutar das mesmas condições.

Segundo Ruschmann (1994) o turismo e as paisagens não têm se caracterizado pelo seu relacionamento harmonioso. Porém, diante da crescente conscientização da necessidade de se preservar as condições atuais, até mesmo por uma questão de qualidade de vida, surgem indícios que a sua interação seja crescente. A autora discorre sobre estudos

desenvolvidos na França pelo *Ministère de L'Environnement/Tourisme* que apresenta quatro fases do relacionamento turismo e meio ambiente:

- A primeira fase, pioneira, ocorreu no século XVIII, caracterizando-se pela “*descoberta da natureza e das comunidades receptoras*”. Os primeiros turistas apresentam uma intensa curiosidade sobre os meios que visitavam e a leitura que faziam dessas áreas era bem diferente daquela dos visitantes atuais. Segundo estudos, não raras vezes ignoravam a costa e iam para o interior, apresentando muita sensibilidade quanto às características interioranas. Em suma pode-se caracterizar este período como a fase do relacionamento e dos primeiros equipamentos turísticos;
- A segunda fase foi marcada pelo turismo dirigido e elitista, ocorrido no final do século XIX e início do século XX. Não havia a preocupação com a proteção ambiental e a intensificação da demanda acabou por estimular as construções de forma desordenada, caracterizando os centros turísticos mais antigos da Europa. Na verdade trata-se da fase na qual a natureza é totalmente dominada, porém a conduta dos empreendedores nos leva a crer que não necessariamente esquecida, pois, as empresas turísticas limitavam seus produtos às estações e ao seu entorno, onde a natureza e as civilizações tradicionais tinham seus direitos garantidos;
- A terceira fase corresponde ao turismo de massa, ocorrendo a partir dos anos 50 e tendo seu apogeu no transcorrer dos anos 70 e 80. Nessa fase o turismo cresceu em um ritmo exponencial. Preencheram-se vazios que ainda existiam nas zonas litorâneas, saturando-os completamente. As urbanizações explodem nos quatro cantos, sendo o objetivo primeiro explorar a natureza em todos os sentidos, satisfazendo sempre o turista, sem se importar com a conscientização ambiental e com o impacto brutal sobre as comunidades receptoras. Sem sombras de dúvidas, é um período de excessos, valorizando-se o concreto, o crescimento desordenado, a arquitetura urbana, a falta de higiene e de cuidados necessários com os esgotos, entre outros. Enfim, é um período catastrófico para a qualidade ambiental.

A partir dos anos 70 com o posicionamento mundial em defesa do meio ambiente, os empreendedores sentem as pressões advindas de diversos meios no sentido de traçar novas regras para o desenvolvimento do turismo. Inicia-se o discurso de proteger as comunidades locais, poupando-as de impactos sociais e econômicos danosos, inserindo-as em novas modalidades da atividade turística, como o ecoturismo e o turismo rural, por exemplo.

Desta forma, a caminhada, o ciclismo, o *rafting*, o *mountain bike*, a motocross e toda uma série de novos esportes necessitam de uma natureza conservada e melhor respeitada. Concomitantemente, os locais mais inóspitos são descobertos e visitados e, especialmente os jovens demonstram seu amor à natureza através dos chamados esportes radicais: esqui em encostas íngremes, passagem de caiaques nas correntezas mais fortes, vôo de asa delta, entre outros, são os mais procurados.

Como afirma Ruschmann (1994:25) “a natureza e todos os seus componentes, tornam-se pretextos para a descoberta, a iniciação, a educação, o espírito de aventura e, desta forma, dá origem a um novo mercado”.

Trata-se, indubitavelmente de uma nova forma de relacionamento homem/meio ambiente simbolizando uma nova dimensão do desenvolvimento da atividade turística. Os indicadores são bastante otimistas já que apontam para um crescimento contínuo da atividade, em cerca de 4% a 5% ao ano e inevitavelmente, os impactos sobre as paisagens também se intensificarão. Segundo dados da OMT, discutidos por Dias (2003:15) no ano de 2002, foram realizadas 715 milhões de viagens internacionais, representando um aumento de 22 milhões em relação a 2001; isso significa afirmar que dois milhões de pessoas cruzam as fronteiras diariamente a fim de fazer turismo; entre estes, observa-se claramente o aumento daqueles que buscam o turismo alternativo.

O panorama é extremamente positivo para as economias mundiais, uma vez que, ainda segundo Dias (*op. cit*) as projeções para o ano de 2020 indicam um movimento internacional de viagens de mais de um bilhão de pessoas. Vale lembrar que a maioria dos países receptores de turistas são áreas em desenvolvimento que carecem de um efetivo planejamento que alie proteção ambiental, atividade econômica e respeito às condições e percepções locais.

Mathieson & Wall (1988:05) apontam cinco razões que ocasionam grandes dificuldades ao proceder uma análise de avaliação ambiental:

- Em primeiro lugar, o fato de o homem viver e modificar a superfície terrestre por milhares de anos torna difícil estabelecer uma base para medir as modificações. Em muitas destinações turísticas, o seu uso público ocorre há muito tempo de modo a tornar quase impossível compreender o meio ambiente sem os efeitos provocados pelo turismo;
- A segunda grande dificuldade diz respeito à impossibilidade de dissociar o papel do homem da natureza. Mesmo sem a intervenção humana, o meio ambiente se altera, dificultando também a destinação das bases para os estudos de impacto. Muitos efeitos do turismo sobre o meio ambiente resultam de processos ambientais normais, que ocorrem independentemente da ação do homem, como por exemplo, as intempéries e os vários processos de erosão. Nesse caso, claro, são processos naturais que se tornam mais intensos quando ocorrem em locais alterados pelo homem, ficando difícil determinar quando as alterações são provocadas pelo desenvolvimento turístico ou quando este constitui apenas um entre vários agentes modificadores;
- Em terceiro lugar, as complexas interações que envolvem a atividade turística fazem com que o impacto total seja quase impossível de medir. Segundo o autor os impactos primários dão margem para o surgimento dos secundários e assim sucessivamente, gerando uma gama de repercussões impossíveis de serem rastreadas ou monitoradas. Impactos específicos ocorrem sobre grupos particulares de pessoas, tais como as minorias raciais ou culturais, ou sobre tipos únicos de vegetação ou espécies de vida selvagem;

- O quarto obstáculo reside no fato da descontinuidade espacial e temporal entre causa e efeito. Um exemplo citado pelos autores é a erosão em determinada área que pode ocasionar depósitos mais adiante, prejudicando o fluxo de águas e provocando a extinção de certas espécies de fauna e flora. Um espaço de tempo considerável transcorrerá até que todos os impactos de uma atividade se tornem aparentes, e por isso, todos os estudos são prejudicados quando há necessidade de definir tanto as dimensões espaciais como temporais da atividade turística;
- A quinta dificuldade metodológica diz respeito à seleção dos indicadores, criando a questão sobre quais deles utilizar e o que significam. O problema se situa, basicamente, na identificação das variáveis a considerar para iniciar as mudanças provocadas pelo turismo e, conseqüentemente, na determinação do que medir. Um problema complementar se apresenta na atribuição de valores aos indicadores selecionados uma vez que a importância dos impactos varia nos diversos sistemas estudados.

Segundo Ruschmann (1994), problemas desta natureza têm restringido a amplitude e a exatidão dos estudos de impacto e, por isso, a tendência se volta para as análises de situações ou de projetos específicos e selecionados, de forma isolada do fenômeno turístico como um todo. Porém, é necessário considerar que o turismo é uma atividade dinâmica e difusa em seus efeitos multiplicadores, ocasionando impactos que mudam constantemente, como conseqüência das modificações dos objetivos, tanto dos turistas como aqueles das comunidades receptoras, tornando o monitoramento periódico uma necessidade imprescindível.

Atualmente, a reflexão e a discussão sobre os impactos do turismo e das comunidades envolvidas já ocorrem em amplos segmentos da atividade, sendo que várias propostas têm surgido e levadas a cabo com relativo sucesso, no sentido de minimizar os impactos negativos, otimizar os positivos e enriquecer a experiência vivencial das pessoas que viajam em férias.

Sabe-se que os países em desenvolvimento, ao contrário dos países desenvolvidos, apresentam altos níveis de desemprego e de subemprego, níveis baixos de industrialização e grande dependência da agricultura e da exportação de produtos primários. Além disso, outros fatores caracterizam o baixo estágio de desenvolvimento e se apresentam sob a forma de intensas desigualdades regionais, grandes evasões de divisas para o exterior, inflação alta e dívidas externas elevadas. Assim, o turismo tem sido constantemente apontado como uma das formas para o desenvolvimento econômico dessas áreas, porém depende do direcionamento dos investimentos realizados e por realizar, e seus efeitos têm-se mostrado altamente favoráveis como, por exemplo, em algumas áreas do Brasil.

Para que o turismo proporcione efeitos econômicos favoráveis nas destinações, Mathieson & Wall (1988) relacionaram os seguintes fatores que derivam diretamente da amplitude da atividade:

- A natureza dos equipamentos e dos recursos e sua atratividade junto aos turistas;
- O volume e a intensidade dos gastos dos turistas nos destinos finais;

- O nível do desenvolvimento econômico da destinação;
- A base econômica da área;
- O grau de distribuição e de circulação das despesas realizadas pelos turistas;
- O grau de adaptação do local a sazonalidade da demanda turística.

Segundo os autores a partir destes fatores também se determina se os impactos econômicos são positivos ou não.

Dias (2003) discorrendo sobre o impacto econômico do turismo em alguns países, estabelece uma distinção entre seus efeitos em economias desenvolvidas, em desenvolvimento, e naquelas em estado intermediário de desenvolvimento, ressaltando que, nos dois últimos casos, os impactos são mais intensos pelo fato de se caracterizarem como países preponderantemente receptores. Dentre outros, destacam-se os seguintes impactos positivos do turismo nas economias nacionais:

- Os efeitos do turismo para a Renda Nacional têm sido o mais concentrado devido à salvação de muitos países com economias debilitadas, através do ingresso de moedas estrangeiras fortes;
- A geração de empregos, nas destinações turísticas é altamente influenciada pela atividade e este também pode ser dividido em três categorias: os empregos diretos nas empresas que atendem diretamente os turistas, como hotéis, restaurantes, etc...; os indiretos, são aqueles originados em empresas que prestam serviços aos fornecedores diretos, como por exemplo, os funcionários de fábricas de *souvenirs*, motoristas de companhias que realizam translados, servidores de bancos, etc...; e, finalmente, os empregos induzidos são aqueles originados pelos gastos dos salários dos trabalhadores diretos na localidade receptora, como por exemplo, as lojas de sapatos que vendem calçados aos funcionários de empresas turísticas.

No meio empresarial, os efeitos econômicos da atividade turística apresentam-se através dos investimentos realizados nas destinações não somente para atender aos turistas, mas também em outros setores.

Vale lembrar também que o desenvolvimento regional através da atividade turística, principalmente através das formas alternativas do turismo, tem contribuído no sentido de criar renda e empregos em locais economicamente debilitados, evitando desta maneira, a estagnação total dessas áreas.

Além desses fatores, apontam-se outros efeitos da atividade nos níveis sociais e de vida das populações locais, tais como: incremento da renda dos habitantes, elevação do nível cultural e profissional da população; expansão do setor da construção; industrialização básica na economia regional; modificação positiva da estrutura econômica e social e atração da mão-de-obra de outras localidades.

E quanto aos impactos negativos, quais são os mais citados pelos pesquisadores?

Um dos efeitos mais citados é o chamado custos de oportunidade; são os efeitos da comparação entre os resultados oriundos dos investimentos realizados no setor turístico

com aqueles em outros setores da economia. Nos países em desenvolvimento, muitas atividades primárias foram abandonadas pelas populações autóctones que se lançaram em busca de oportunidades de emprego nas empresas turísticas.

Por outro lado, a necessidade da importação de produtos do exterior para atender aos desejos e necessidades dos turistas, muitas vezes provoca uma evasão de divisas que os rendimentos em moeda estrangeira dos visitantes nem sempre conseguem cumprir.

Um outro motivo é a dependência do turismo que acaba levando alguns países ao colapso econômico quando, por diversos motivos, o número de turistas diminui. Na verdade, a instabilidade da demanda turística que pode tanto comparecer em massa numa determinada área ou deixar totalmente de visitá-la por motivos políticos, econômicos, entre outros, faz com que as destinações eminentemente turísticas vivam numa situação do citado “neocolonialismo” e, a única forma de evitá-lo, se encontra na diversificação das suas atividades econômicas.

Vale citar também a inflação e a especulação imobiliária que se caracterizam pelo aumento dos preços dos produtos comercializados em regiões turísticas, bem como pela valorização excessiva dos terrenos, do preço de residências ou dos seus aluguéis. Obviamente, os moradores fixos das localidades são os mais atingidos por esse fator, pois as rendas auferidas com o movimento de turistas nem sempre compensam esses aumentos.

A sazonalidade da demanda turística é um outro fator que não pode ser negligenciada, caracterizando a concentração de turistas em certas localidades em determinadas épocas do ano e a sua ausência quase total em outras, provocando transtornos e efeitos econômicos negativos consideráveis nas localidades receptoras. Em alguns lugares, muitos hotéis chegam a fechar na chamada baixa estação, outros se mantêm com índices de ocupação extremamente baixos, o que compromete a sua rentabilidade, contribuindo também para o desemprego nessas épocas do ano.

Mais precisamente, com relação à população local, como eles vivem a experiência do turismo? Quais são, de fato, seus interesses, motivações e necessidades? Quais os benefícios trazidos pelo turismo? Essas são questões fundamentais para se compreender as reais modificações desencadeadas em uma área turística, bem como o seu caminho em busca de um desenvolvimento local.

Infelizmente o turismo transformado em uma verdadeira indústria prima apenas pelos interesses dos turistas e dos promotores de viagem. Poucos se importam com quem está na outra ponta da atividade; a comunidade receptiva também tem que ser considerada nesse processo e ser fundamentalmente respeitada.

Krippendorf (1989) comentando sobre essa lacuna existente ressalta que até o momento a sociologia, a geografia, a psicologia e mesmo os estudiosos do turismo, além de outras ciências interessadas na atividade turística pouco ou nada conhecem sobre a população autóctone. Isso acontece, na opinião do autor, porque as pesquisas referentes às destinações demonstram que os turistas não escolhem o lugar de suas férias em função dos autóctones, mas em função da satisfação dos seus desejos, das suas motivações, do país. A paisagem e o clima agradáveis podem ser elementos essenciais, já os seres

humanos que vivem em tais locais é questão que se reveste de menor importância; por quê então, se preocupar com eles?

Na atualidade diante da preocupação mundial em promover o desenvolvimento com sustentabilidade, voltado às peculiaridades de cada região, considerar as populações locais, pequenas ou não, desenvolvidas ou dependentes se reveste de suma importância, caso contrário, certamente, os efeitos negativos gerados no interior das localidades podem levá-las à violência, ao acirramento da desigualdade social, ao desemprego, exatamente o oposto do que prega a ideologia do desenvolvimento local.

Krippendorf (*op. cit.* p.90) acredita que no início a população é iludida por tantas promessas benfazejas deslumbrando um mundo cor-de-rosa que fica difícil para ela calcular os prejuízos reais que podem sofrer com o desenvolvimento da atividade. Em seguida, quando se vêem expropriados de seu modo de vida a euforia inicial dá lugar à desilusão e a visão mais realista das coisas.

Nesse mesmo sentido Mathienson & Wall (1988) discutindo os impactos econômicos, físicos e sociais provocados pela atividade turística citam a pesquisa desenvolvida por Doxey em Barbados e em Niágara Falls, identificando cinco estágios da crescente desilusão da comunidade receptora com o turismo. O primeiro estágio é a euforia, no qual as pessoas se enchem de esperança de que o turismo melhorará a sua qualidade de vida. Recebem os turistas com agrado e satisfação, registrando-se verdadeiro entusiasmo com a chegada dos primeiros turistas. As oportunidades de empregos, negócios e lucro são abundantes e aumentam com o crescimento do número de turistas.

A segunda fase é a da apatia, que corresponde ao fato de com o crescimento da atividade e a consolidação da mesma, a população receptora considera a rentabilidade do setor como garantida e o turista passa a ser considerado meramente como uma fonte de obtenção do lucro fácil, tornando os contatos humanos mais formais do que no estágio anterior.

A terceira fase é caracterizada pela irritação que é perceptível na medida em que a atividade turística começa a atingir os níveis de saturação ou quando a localidade não consegue mais atender às exigências da demanda cada vez maior e exigente.

O antagonismo evidencia a fase seguinte marcada pela antipatia dos moradores à presença dos turistas. Os moradores já não disfarçam mais a sua irritação e responsabilizam os turistas por todos os malefícios que existem na localidade, tais como: aumento de impostos, aumento da criminalidade, vandalismo, aumento da taxa de desemprego, dificuldades para moradia, entre outros...A antiga polidez e respeito pelos turistas desapareceram, dando lugar à hostilidade.

O quinto e último estágio ocorre quando a população se conscientiza de que, na ânsia de obter todas as vantagens divulgadas pelos promotores das atividades turísticas, não consideraram as mudanças que ocorreriam em seu modo de vida, alijando-os de direitos que antes possuíam. O lugar acaba sendo transformado e, agora, resta aos moradores conviver com a nova paisagem totalmente modificada.

A pesquisa desenvolvida por Doxey referiu-se as áreas ocupadas pelo turismo de massa que recebem anualmente milhares de turistas. Resta, agora, verificar se tal processo

também ocorre em áreas onde o turismo é implantado de forma mais branda, respeitando as condições oferecidas pelo meio, como o chamado turismo alternativo.

Krippendorf (*op.cit*) cita o exemplo das montanhas suíças, local em que seus habitantes já aprenderam a conviver com a atividade turística. Eles satisfazem todos os desejos de seus hóspedes, mas não negam que adoram o fato do fluxo de turistas não durar o ano todo. Os moradores têm necessidade desse período para se refazer, para restabelecer o contato com os vizinhos e amigos, renovando assim, o espírito comunitário.

Outro dado interessante discutido por Krippendorf é como os diferentes grupos da população reagem ao turismo considerando o contato que as pessoas possuem com a atividade. Segundo o autor é possível dividi-lo em cinco categorias, sendo a primeira correspondente àquelas pessoas que estão em contato permanente e direto com os turistas: as pessoas da indústria hoteleira, dos meios de transporte, são evidentemente satisfeitas com a atividade, muito embora se acredita que é devido ao dinheiro e não pelo sentido inato da hospitalidade.

Um segundo grupo é formado pelos proprietários das empresas turísticas, que apesar de não manterem o contato direto com os turistas, a atividade representa o próprio comércio, devendo assim obter o máximo em volume de vendas e lucros.

Uma terceira categoria é a dos habitantes que possuem contatos diretos e freqüentes com os turistas, mas apenas uma parte de sua renda é obtida com o turismo. São mais críticos em relação à atividade, sendo muito claro quanto as vantagens obtidas, principalmente como atividade complementar, mas, por outro lado também fazem ressaltar as inconveniências, como as perturbações e os atentados contra as paisagens.

Os nativos que nunca ou quase nunca se encontram com os turistas compõem a quarta categoria. Eles manifestam as mais diversas atitudes, podendo variar do apoio irrestrito ao total repúdio, passando pela ignorância e pela indiferença, sendo esta última a mais freqüente.

Por último, os dirigentes políticos e autoridades locais que desejam, pelo menos no discurso, elevar o nível de padrão de vida de seus concidadãos e promover o desenvolvimento em sua localidade. Obviamente há nessa categoria a crença absoluta de que o turismo, independente da sua modalidade, é o vetor para o desenvolvimento social e econômico.

Talvez a maior dificuldade travada no relacionamento entre turistas e comunidades receptoras está no fato de que são pessoas que se encontram em situações completamente opostas. A liberdade e o prazer de um implica no trabalho do outro. O ambiente de férias também é o ambiente de trabalho e as necessidades de repouso para uns significa as necessidades de existência para outros. Krippendorf (*op. cit.*) coloca uma questão que merece reflexão no momento atual: *“como atacar aqueles que vivem do turismo pelo fato de se interessarem, em primeiro lugar, pelo aspecto financeiro e não pelo aspecto humano do turista?”* Segundo o pesquisador, o que ocorre na grande maioria das vezes é que a população local que mantêm contatos diretos com os turistas logo percebem sua insegurança e o medo do desconhecido e muitos acabam explorando essa fragilidade. Outros apresentam às vezes um sentimento de desprezo.

Na realidade, o turista nem percebe que a experiência que ele rotula como única em sua vida é a repetição contínua das mesmas situações para quem está diretamente envolvido na atividade. Ocorrem continuamente as mesmas dúvidas, as mesmas excursões com os mesmos roteiros, as mesmas situações, pois turistas sucedem turistas e no final de uma temporada são milhares.

Exige-se da comunidade receptora que esteja sempre disponível, bem-educada, sorridente, atenciosa, situações que podem levá-la em longo prazo a se tornar nervosa e agressiva. É compreensível então que as populações hospedeiras possam sentir, menos ainda que os turistas, a necessidade de contato. O resultado desse afastamento é uma incompreensão mútua, como salienta Krippendorf (*op. cit.*:115) “às vezes, chega-se ao confronto, ao invés do encontro. E, até mesmo, no pior dos casos, ao desprezo, ao invés do respeito: os turistas desprezam estes nativos subdesenvolvidos, os quais, em contrapartida, desprezam estes estrangeiros liberados”.

Ruschmann (1994) que também aborda o tema resalta outros impactos sociais que são facilmente identificáveis em algumas áreas turísticas:

- *O efeito demonstração*: ocorre quando a presença de um grande número de turistas estimula hábitos de consumo desconhecidos ou inacessíveis para a população local. Estes variam desde a importação de produtos (comidas/bebidas/vestuário) caros até a criação de novos hábitos de entretenimento, como o jogo (cassinos) ou o consumo excessivo de drogas e bebidas alcoólicas;
- *Alterações na moralidade*: grande parte dos estudos sobre impactos do turismo nas comunidades locais indica o aumento da prostituição, da criminalidade e do jogo organizado. Apesar de não se poder responsabilizar o turismo por esses males, constatou-se que eles se intensificam com o desenvolvimento da atividade. Alguns pesquisadores acreditam que a ameaça da AIDS como doença incurável e sexualmente transmissível possa reduzir esse tipo de turismo em um futuro próximo, porém não há perspectivas, em curto prazo, de limitar esse efeito;
- *Turismo e saúde*: a atividade turística apresenta o efeito ambíguo de promover as condições de saúde nas comunidades locais principalmente em países em desenvolvimento e, ao mesmo tempo atuar como veículo de disseminação de certos tipos de doenças. As doenças tropicais endêmicas podem atingir os turistas que, por falta de informações, de resistência natural, de vacinas adequadas ou de atendimento médico imediato passam por sérias complicações em suas viagens. No Brasil, por exemplo, apesar de não haver registros oficiais, o vírus da cólera e a dengue, que se alastrou recentemente pelo país, contaminaram vários turistas, apesar da intensa veiculação das precauções que se faziam necessárias em todos os pontos de entrada de estrangeiros. Recentemente, a pneumonia asiática também foi motivo de muita preocupação, sendo que alguns estudiosos alertam para o fato de que as viagens internacionais e a degradação ambiental contribuem para a disseminação de doenças. Em publicação no jornal O Estado de São Paulo, Miranda (2003) completa: “a cada ano, um bilhão de pessoas cruzam fronteiras. Como uma espécie de bagagem escondida, elas levam vírus e

bactérias de um país para outro. O tempo que leva para uma doença viajar o mundo é a duração do voo de avião”.

Assim, aconselha-se que antes de viajar deve-se procurar um especialista em Medicina do Viajante, recebendo informações sobre as doenças existentes no país a ser visitado e orientação sobre o que deve fazer para se proteger. Entre os cuidados mais necessários cita-se: vacinas, medicamentos, uso de repelente e cuidados com alimentação. O objetivo dessa especialidade é proteger o indivíduo que vai viajar, além de evitar que ele traga doenças para o país.

- O *neocolonialismo*: o movimento intenso de pessoas de países economicamente desenvolvidos para localidades de países em desenvolvimento dá origem a três condições que caracterizam um novo modelo de colonialismo. Primeiramente, muitos países em desenvolvimento passaram a depender totalmente dos fluxos turísticos do primeiro mundo a ponto de criar mecanismos internos para facilitar a vinda dos turistas, menosprezando inclusive, os cuidados com o meio ambiente natural. Em segundo lugar, o desenvolvimento do turismo vem acompanhado da transferência dos lucros auferidos nas destinações para os centros economicamente mais evoluídos do exterior, de onde se originam os investimentos. Pouquíssimos empreendedores turísticos de países em desenvolvimento reinvestem seus lucros nas destinações. Além disso, muitos produtos consumidos pelos turistas são importados dos seus países de origem, criando assim uma evasão de divisas que a atividade, teoricamente, deveria atrair. Há, ainda, o terceiro fator que se relaciona com a importação dos recursos humanos qualificados para trabalhar nas áreas turísticas, remetendo os excedentes salariais para seus países de origem. Os empregos menos qualificados e menos remunerados são ocupados pelos moradores das localidades que, devido à falta de formação específica tem pouquíssimas chances de se destacar nas empresas nas quais atuam;
- *Religião*: no turismo religioso podem ocorrer conflitos entre os visitantes devotos, a população local e os turistas curiosos. Verifica-se que alguns lugares religiosos se transformaram em atrações turísticas em detrimento da sua função espiritual, e as igrejas passaram a explorar o turismo em benefício próprio. Vendem ingressos, santinhos, velas, cartões postais, etc...Várias conferências e reuniões têm ocorrido nas diversas comunidades com atrativos religiosos, concluindo-se que há necessidade de preparar guias especializados para os locais “santos”, criar condições para atender adequadamente os peregrinos e outras atividades para os turistas que visitam o local sem a motivação religiosa.

Entretanto, não se deve generalizar, pois há modalidades do turismo, mais recentes, que ocorrem em menor escala e que primam pelo contato entre os turistas e a comunidade local. Talvez até ocorram conflitos, mas certamente não tão avassaladores quanto os que ocorrem em áreas turísticas que recebem grandes contingentes humanos.

Porém, entre tantas incertezas, há a clareza de que necessitamos encontrar um equilíbrio entre o desenvolvimento turístico e a proteção da identidade das comunidades locais, visando minimizar esses efeitos e proporcionar à região um real desenvolvimento

endógeno. Vários são os caminhos a serem percorridos; no entanto, como afirma Mamede (2003:37): “há que se confiar na capacidade e sabedoria das comunidades locais, na identificação dos seus problemas e na tentativa de soluções originais com base na sua própria experiência e na de outros grupos similares, reconhecer que acasalam a casa, o lugar”.

BIBLIOGRAFIA

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede - a era da informação, economia e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DIAS, Reinaldo. **Planejamento do Turismo: política e desenvolvimento do turismo no Brasil**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2003.

KRIPPENDDORF, Jost. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1989.

MACHADO, Lucy Marion Calderini Philadelpho. *Sociedade, meio ambiente e desenvolvimento: uma crise de percepção*. In: **Sociedade e Natureza**, Uberlândia: UFU, ano 13, n.25, jan/dez.2001, pp. 17-25

MAMEDE, Vera Sylvia de Matos Dourado. *Participação e Desenvolvimento do Turismo Local*, In: MARTINS, José Clerton de Oliveira. (org.). **Turismo, Cultura e Identidade**. São Paulo: Roca, 2003, 1^o Ed., pp.31-38.

MATHIENSON, A.; WALL, G. **Tourism: Economic, physical and social impacts**. New York: Longman Scientific & Technical, 1988.

MIRANDA, Luciana. *Novos vírus, um desafio do mundo moderno*. In: **Jornal O Estado de São Paulo**, Caderno Saúde A-16, 06 de abril de 2003.

RUSCHMANN, D. V. M. **O planejamento do turismo e a proteção do meio ambiente**. São Paulo: 1994, Tese (Doutorado em Geografia Econômica, Recreação, Turismo, Ecologia, Ecoturismo e Ecologia) USP, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.

Resumo

O presente artigo trata dos principais impactos sócio-econômicos desencadeados com a atividade turística. Tão importante quanto entender a magnitude desses impactos é buscar compreender a relação existente entre a população local e os visitantes, pois o sucesso da atividade está intimamente ligado a esta questão. A comunidade local conhece o seu lugar, a sua paisagem, o seu meio, com base na sua experiência, nas imagens que constrói dia-após-dia, exigindo dos planejadores e empreendedores do turismo a clareza que não se trata de uma atividade meramente econômica; diferentemente de outras atividades, o turismo, seja alternativo ou não, consome a

matéria-prima no próprio local que o constrói, podendo, se não planejado adequadamente, ocasionar a superexploração do patrimônio natural e cultural diante da transformação das estruturas territoriais, sociais e urbanas, próprias da atividade turística. Tal fato incumbe a todos a responsabilidade de discutir o tema em todas as suas nuances, ultrapassando a questão dos conceitos e incorporando-o às políticas e práticas do planejamento territorial, sem negligenciar a importância da população local, suas aspirações e percepções do seu lugar.

Palavras-Chaves: turismo, impactos sócio-econômicos, população local, visitantes.

Resumé

Lê présent article traite des impacts essentiels associe-économiques déchaînes avec l'activité touristique. Aussi important tant à entendre la magnitude de ces impacts est chercher à comprendre la relation existante entre la population locale et les visitants, car le succès de l'activité est vraiment lié avec intimité à cette question. La communauté locale connaît sa place, son paysage, son milieu, son centre comme base dans son expérience, dans les images qu'elle construit jour après jour, exigeant des planificateurs et entrepreneurs du tourisme la metteté qu'il ne s'agit pas seulement d'une activité seulement économique; différente d'autres activités, le tourisme, soit-il alternatif ou non, consomme la matière première dans son propre local qui le construit et pouvant si ne pas planifié adéquament, occasioner la super exploration du patrimoine naturel e culturel devant la transformation des structures territoriales sociales et urbaines, proprement dit, des activités touristiques. Tel fait incombe à tous la responsabilité de discuter le thème dans tous ces nuances outrepassant la question des concepts et l'incorporant aux politiques et aux pratiques de la planification territorial, sans négliger l'importance de la population locale, ces aspirations et perceptions de leur place.

Mots- Clés: tourisme, impacts associé-economiques, population locale, visiteurs.

* Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Geografia, (Organização do Espaço) do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista/UNESP, campus de Rio Claro; Bolsista CNPq - E.mail: santoslve@bol.com.br

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UM RE-ARRANJO ESPACIAL TURÍSTICO REGIONAL EM ITACARÉ E ILHÉUS, LITORAL SUL DA BAHIA

Profa. Dra. Odaléia Telles Marcondes Machado Queiroz*

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, em parte, é um relato de uma prática orientada realizada em Itacaré, litoral sul da Bahia, com pós-graduandos do Mestrado *em Cultura e Turismo* da Universidade Estadual de Santa Cruz de Ilhéus, BA. O exercício didático-pedagógico que deu origem a este artigo integra o conteúdo programático da disciplina *Produtos e Serviços em Turismo* ministrada por nós em meados de 2003.

O turismo exerce papel fundamental na atualidade, apresentando-se como um novo vetor de configuração espacial que pode causar inúmeros impactos ambientais, econômicos e sociais nos núcleos receptores, como Itacaré, Costa do Cacau, na Bahia. Este município que se localiza ao sul de Salvador e a 70 km ao norte de Ilhéus, com clima tropical e temperaturas anuais variando entre 25°C e 30°C (IBGE, 2003), vem despontando como um espaço privilegiado onde predominam as atividades de ecoturismo com muita praia e sol.

O fenômeno turístico ali se estabelecendo apresentou logo a sua ambivalência, surgiu como uma nova alternativa de desenvolvimento econômico local, principalmente, a partir da década de 1980, no auge da crise da monocultura cacauzeira (PRODETUR II, 2003). Por outro lado, apropriou-se da paisagem desordenadamente, modificando-a e trazendo reflexos negativos, tais como: ultrapassagem do limite da capacidade de suporte da infra-estrutura turística local, alienação da cultura tradicional, degradação ambiental e certa marginalização da comunidade autóctone (SILVEIRA, 1997).

Itacaré vem crescendo como pólo receptivo dentro do contexto turístico baiano, em função de suas peculiaridades naturais, muito procurado por visitantes de todo o Brasil, principalmente por aqueles oriundos das cidades vizinhas, outros Estados do Nordeste, Sul e Sudeste e também por turistas internacionais. A diversidade encontrada na paisagem local vem criando uma demanda ávida por viagens que proporcionem contato direto com a natureza.

CARACTERÍSTICAS GEOAMBIENTAIS DE ITACARÉ, BA

De acordo com o IBGE (*op.cit*, 1977), a Região Nordeste é formada por nove Estados, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e a Bahia, podendo-se distinguir quatro sub-regiões: Zona da Mata, Agreste, Sertão e Meio-Norte.

A Zona da Mata é constituída por uma faixa que acompanha o litoral, desde o Rio Grande do Norte até o sul da Bahia, onde se localiza Itacaré, nosso local de estudo. A rede hidrográfica desta sub-região nordestina é densa, com rios perenes, clima tropical quente úmido (índice nível pluviométrico médio em torno de 2.471 mm anuais, com

maior concentração de chuvas entre os meses de abril a junho). A cobertura vegetal corresponde à Mata Pluvial Tropical das planícies costeiras (HUECK, 1972) e os solos são profundos e férteis.

O litoral nordestino, em quase toda a sua extensão, possui forma e largura variadas, composto ora por cordões largos, arenosos e retilíneos, ora por dunas, colinas e tabuleiros ou ainda por trechos mais estreitos onde o cristalino atinge o mar apresentando-se como falésias, formações que dão à paisagem um aspecto muito atraente para os turistas, segundo FIBGE (*op. cit.*, 1977).

A breve apresentação dos aspectos geoambientais da região de Itacaré, litoral sul da Bahia, indica que seu grande apelo turístico é a natureza, notadamente as praias e rios encachoeirados.

Aliando-se a esse importante fator, outro ponto a ser destacado e que chama muita a atenção dos visitantes é a simpatia dos baianos, sua alegria de viver que conquista a confiança das pessoas que chegam.

BREVE HISTÓRICO DE ITACARÉ, BA

O Estado da Bahia, como quase todo o país, é um Estado constituído de várias heterogeneidades, possuindo 415 municípios espalhados em 567.295 Km² (SEI, 1998). A concentração dos núcleos iniciais de povoamento aconteceu no litoral devido a facilidade de acesso, havendo exploração madeireira e implantação de processo produtivo agrícola. O município de Itacaré ocupa uma área de 730 Km², na Costa do Cacau com uma população de 18.120 habitantes, dos quais, cerca de 60% concentram-se na zona rural, com densidade demográfica de 24,82 habitantes/km². (FIBGE, 2000).

Os índios Pataxós foram os primeiros habitantes locais, que, através da presença dos jesuítas no período colonial brasileiro, foram se aculturando, surgindo um povoado que se chamou São Miguel da Barra do Rio de Contas (que abastece o município e tem ali a sua foz), tornando-se município em 1732, com o nome de Itapira e, posteriormente, Itacaré.

É importante destacar que o rio das Contas é um curso d'água proveniente da Chapada Diamantina e, durante todo o "Ciclo do Ouro", foi uma das principais vias de ligação regional entre o porto de Itacaré e as cidades de Minas, escoando, notadamente, minerais preciosos.

Posteriormente, com o predomínio do transporte rodoviário e a abertura de diversas estradas distantes como a BR 101, o tráfego em Itacaré diminuiu muito, limitando sua economia apenas ao comércio do cacau, principal cultura do município. Assim, Itacaré ficou isolada e à margem do processo de urbanização do seu entorno que se intensificou nos anos de 1970 (ARAÚJO, 2000), entrando numa lenta decadência, agravada pela crise do cacau dos últimos anos.

Foi só no final da década de 1990 que as dificuldades de acesso foram resolvidas com o asfaltamento da estrada de terra que liga Ilhéus a Itacaré (trecho da BA-001), que percorre o litoral baiano, rompendo seu longo isolamento. A partir de então, Itacaré vem se tornando um destino turístico cada vez mais procurado, havendo uma explosão de construção de hotéis, pousadas e restaurantes.

ACESSO

O principal acesso terrestre à Itacaré é feito através da Rodovia BA-001, por onde trafegam carros particulares e vários ônibus, diariamente, partindo, principalmente, de Ilhéus, num percurso que dura, no máximo, uma hora e quarenta minutos.

Distâncias entre Itacaré e pólos turísticos emissores brasileiros

<i>Cidade</i>	<i>Distância (Km)</i>
Rio de Janeiro, RJ	1.290
Salvador, BA	440
São Paulo, SP	1.610
Porto Seguro, BA	370
Belo Horizonte, MG	990
Vitória, ES	760
Brasília, DF	1.430
Recife, PE	1.140

Fonte: www.Itacaré.com

Adaptação: Queiroz, 2004.

Os aeroportos mais próximos de Itacaré ficam em Ilhéus (regional) e em Salvador (internacional), recebendo vôos diários das principais companhias aéreas. Várias agências de viagens da cidade oferecem serviços de traslado entre Ilhéus e Itacaré.

PRINCIPAIS ATRATIVOS

Segundo Torres (2001), Itacaré possuía, em 2000, quarenta meios de hospedagem (hotéis e pousadas), com a oferta de 835 leitos e três *campings* com área útil de 14.000m². A infra-estrutura de serviços é composta de trinta e seis bares e restaurantes, dezenove barracas de praia, uma agência bancária, uma agência de Correios, um hospital (pronto socorro). Os serviços de saneamento básico e o fornecimento de energia elétrica são precários. E a falta de sinalização e de informação do patrimônio é um entrave para o acesso dos turistas.

Na área urbana de Itacaré destaca-se o Centro Histórico que conserva alguns poucos monumentos do período colonial brasileiro, sobressaindo-se neste contexto a igreja São Miguel e a Casa dos Jesuítas, recentemente restaurada. Os casarões locais que ainda existem, datam do início do século XX e alguns estão sendo transformados em pousadas, imprimindo um ar melancólico ao arranjo espacial atual.

Com o estabelecimento do processo de turistificação, Itacaré, hoje, passa por um momento de urbanização sem precedentes dentro de sua evolução histórica, crescendo

em direção às praias, surgindo bairros novos e re-arranjos dos já existentes voltados para o setor de prestação de serviços.

De acordo com o PRODETUR II (2003), os principais atrativos turísticos efetivos de Itacaré são: a praia de São José, a praia de Camboinha, a Prainha, a trilha interpretativa do Alto da Esperança e a Vila Camboinha. Já os principais atrativos turísticos potenciais são: a trilha do Costão, a praia Siriaco, a praia Jeribucaçu, o rio Tijuípe e a praia do Pompilho.

Enfim, os atrativos de Itacaré relacionam-se, principalmente, ao turismo de lazer tipo “sol e praia”, ecoturismo e de aventura tendo como base a natureza exuberante com reservas de Mata Atlântica, rios encachoeirados e uma paisagem deslumbrante, sendo importante dizer que parte do município localiza-se na APA (área de proteção ambiental) Itacaré- Serra Grande), que segundo o Instituto de Estudos Sócio-Ambientais do Sul da Bahia – IESB (1999) apud Torres (2001) destaca-se pela presença de costões recobertos pela Floresta Atlântica na linha preamar, manguezais, cascatas e cachoeiras de águas cristalinas, rios, riachos, mar e praias que torna-o privilegiado para a atividade turística.

O turismo histórico/ cultural relacionado ao patrimônio arquitetônico local ainda é incipiente. As festas folclóricas e o artesanato merecem mais atenção mas estão sendo relegados a um segundo plano.

PRINCIPAIS IMPACTOS SÓCIO-AMBIENTAIS DECORRENTES DA ATIVIDADE TURÍSTICA EM ITACARÉ, BA

Hoje, o turismo tem papel de destaque no planeta, ficando entre os três maiores produtos geradores de riqueza – 6% do PNB global – perdendo só para a indústria de armamentos e de petróleo (RODRIGUES, 1997). As previsões são bem promissoras, pois indicam que, “*com o aumento crescente das horas livres, a redução do tamanho médio das famílias e do envelhecimento demográfico, haverá um desenvolvimento significativo das atividades turísticas no mundo todo*” (QUEIROZ, 2000:18). Dessa forma, tais atividades despontam como agentes reorganizados dos espaços, promovendo movimentos e requerendo dos estudiosos da área, maior cuidado nas análises de um processo que já tem, e certamente, continuará tendo repercussões significativas. Nesse contexto, cresce a importância do território como categoria de análise e o turismo como agente reorganizador do espaço.

De acordo com Santos (1997), o espaço é um conjunto de arranjos de objetos geográficos, naturais e sociais. Isso significa dizer que o espaço é produto e resultado da relação existente entre a sociedade e a natureza através do trabalho. Tal movimento infinito, muitas vezes, é contraditório. O fenômeno turístico dentro desse contexto é apontado como um dos responsáveis por reorganizações das funções entre as diferentes frações do território.

“Há uma procura incessante do capital por locais mais rentáveis oferecendo maiores possibilidades a cada lugar voltado para o turismo de se afirmar e se diferenciar na região”. (QUEIROZ, 2000:21). Assim, as especificidades geográficas emergem com muita força, pois passam a ter outros significados, outros valores, novos papéis” (LACOSTE, 1977).

O espaço é formado por fixos e fluxos, explica Santos (1997). Os fixos são os instrumentos de trabalho e as forças produtivas, incluindo os homens. Seu conjunto é representado por objetos naturais e sociais. Os fluxos são o movimento, a circulação, a distribuição e o consumo. A cada tipo de fixo corresponde um fluxo. Nos espaços usados pelo turismo como Itacaré, os fixos são representados pelo equipamento turístico e receptivo, isto é, a infra-estrutura básica, os estabelecimentos comerciais, bares, restaurantes, hotéis, *resorts*, pousadas e pelos loteamentos de casas de veraneio. A abertura de vias de acesso (como o asfaltamento da estrada BR 001 que liga Ilhéus a Itacaré) acompanhada de uma melhoria da qualidade dos meios de transporte criaram, nos últimos anos, um aumento do movimento turístico local, isto é, dos fluxos. A oferta de produtos relacionados às atividades de lazer e mercadorias em geral que circulam em Itacaré cresceu muito. Os fluxos turísticos também aumentaram consideravelmente criando-se uma corrente de população que usa seu tempo livre nos finais de semana, feriados e férias em deslocamentos para o pólo receptor de veranistas, concentrando-se mais nos meses de verão, notadamente dezembro, janeiro e fevereiro.

Há alguns anos atrás, o acesso ao turismo estava restrito a uma elite que possuía recursos financeiros para viajar. Hoje, uma faixa maior de *“pessoas dos países ricos e de muitos dos países em desenvolvimento têm realizado deslocamentos com finalidades de recreação e lazer uma ou várias vezes por ano”*(QUEIROZ, 2000:22). O turismo deixa de ser um privilégio de apenas alguns cidadãos e passa a ser praticado por um número significativo de pessoas em todo o mundo (RUSCHMANN, 1997). Entra também no rol de ambições do homem comum, embora o recorte de classes sociais determine as condições de acesso e interação com outros territórios.

A viagem tornou-se uma obrigação e com o incremento do turismo de massa, quase todas as camadas sociais se vêem impelidas a se deslocarem do seu local de residência para usufruir das horas de descanso e lazer em alguma estância hidromineral montanhosa, ou no litoral.

Fatores que contribuem para o crescimento dos fluxos turísticos, segundo Sauer (1975):

- a deterioração das condições de vida nas grandes cidades, conduzindo a uma busca de regiões com belezas naturais que ofereçam tranqüilidade e segurança, longe do aglomerado urbano;
- o aumento do tempo livre, como conseqüência da racionalização e do aumento da produtividade nas empresas;
- a evolução técnica, conduzindo a um aumento na produtividade e à redução dos custos da produção, acarretando possibilidade de maior movimentação das pessoas;
- o aumento na renda da população nos países desenvolvidos;
- e, por fim, o desenvolvimento de empresas prestadoras de serviços que organizam e comercializam viagens e excursões turísticas, usando propaganda intensa e financiamentos próprios para a expansão de suas atividades .

O turismo é uma atividade ambivalente que tanto pode gerar riquezas, valorizar espaços, promover novas relações entre os povos e culturas como, simultaneamente,

tornar-se predador cultural, degradador ecológico e explorador econômico. O turismo, dessa forma possui faces antagônicas, apresentando vantagens e desvantagens sócio-ambientais.

As diversas regiões que têm atrativos turísticos com enorme complexo de recursos paisagísticos como Itacaré vivem um processo de expansão das atividades econômicas ligadas ao setor terciário e à demanda de lazer das populações urbanas. Tais regiões são, dessa forma, integradas à economia do turismo, isto é, se transformam em “produtos” econômicos, evidenciando-se uma postura utilitarista da natureza. É, na verdade, como diz Santos (1992) uma forma mais moderna do capitalismo entrando nas zonas mais isoladas e marginais, criando novos objetos geográficos, ao mesmo tempo em que transmuta a própria estrutura do espaço.

Através da experiência vivida em prática orientada realizada em Itacaré, litoral sul da Bahia, BA., pode-se verificar inúmeros impactos ambientais, econômicos e sociais no núcleo receptor.

Não há dúvida de que o turismo exerce papel fundamental na atualidade, apresentando-se como um novo vetor de configuração espacial de Itacaré, notadamente a partir de meados dos anos 90.

As atividades turísticas desenvolvidas no pólo receptor são dinâmicas e vêm causando diversas transformações espaciais tanto em termos qualitativos como quantitativos. A prática orientada foi direcionada para um exercício didático-pedagógico que evidenciasse as principais mudanças ocorridas em Itacaré percebidas, observadas e vividas pela população local, comerciantes, hoteleiros, bem como a experiência dos próprios visitantes, através de entrevistas.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES QUANTO AOS MORADORES LOCAIS

Como já dissemos, a população do município de Itacaré concentra-se na área rural (cerca de 60% do total), tendo como principal atividade econômica a agricultura. Através das entrevistas, observou-se, por outro lado, que os moradores da zona urbana vêm, vagarosamente, se envolvendo, direta ou indiretamente, com as atividades turísticas que ali se desenvolvem desde meados dos anos 90 do século XX. Entretanto, ainda não perceberam, com clareza, como o processo de turistificação ocorre e o que podem fazer para melhor conviver com esta nova atividade local, ou melhor, ainda não se integraram totalmente com o novo período econômico do município.

Quanto à população urbana, constatou-se que a maioria reside no centro de Itacaré e muitas pessoas são oriundas dos municípios vizinhos (atraídos pela nova possibilidade de trabalho com o turismo). Constatou-se também que os nativos (nascidos e criados no local) deslocaram-se para o bairro mais distante chamado Pituba e para o distrito de Taboquinhas.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES QUANTO AOS COMERCIANTES

Os estabelecimentos comerciais de Itacaré, pesquisados através de entrevistas, são de pequeno porte (máximo com dois proprietários e, em média, três funcionários), sendo que

60% deles entrou em funcionamento recentemente (entre 9 meses a 2 anos). Os outros 40% já entraram em funcionamento há mais tempo, entre 5 a 10 anos.

Outra constatação importante de se destacar é que 60% dos entrevistados são oriundos do Estado de São Paulo e os 40% restantes migraram da própria região cacauzeira da Bahia. Todos os comerciantes entrevistados afirmaram que vieram para Itacaré por casualidade. A maior parcela dos empregados (60%) é de Itacaré mesmo.

Todos os comerciantes reclamaram da precariedade da infra-estrutura básica pública, principalmente no que se refere à coleta de lixo que fica acumulado pelas ruas em períodos de maior afluxo de visitantes. Por outro lado, verificou-se que 80% dos entrevistados não contribuem para a mitigação dos impactos negativos gerados pelo turismo, não se sentem responsáveis pelo serviço.

Para 60% dos entrevistados, o turismo é responsável pela demanda de seus produtos e serviços, durante todo o ano, verificando-se uma significativa queda na baixa temporada. Isto significa que o comércio local vem se estruturando para atender a demanda turística.

A maior parcela dos entrevistados (60%), possui o 2º grau completo

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES QUANTO AOS MEIOS DE HOSPEDAGEM

Todos os meios de hospedagem visitados possuem entre dois ou três anos de funcionamento e seus funcionários, majoritariamente, fazem parte da população local. Entretanto, os altos cargos são ocupados por profissionais da região sudeste do Brasil, variando muito o número de funcionários entre diferentes meios de hospedagem (os menores e mais simples empregam entre duas e três pessoas, enquanto os hotéis maiores podem empregar mais de duas dezenas).

A taxa de ocupação varia muito, segundo os entrevistados, mas o maior fluxo concentra-se nos meses de dezembro a fevereiro, chegando a 100%.

A maior parte da água utilizada nos meios de hospedagem é fornecida pela Embasa (Empresa de Saneamento local), verificando-se também o uso de poços artesianos em alguns meios de hospedagem.

De maneira geral, os hoteleiros locais (os de maior porte) apostam muito no efeito multiplicador do turismo para economia local. Já os menores citam muito a necessidade de melhoria da infra-estrutura básica como prioridade para que se possa ampliar a qualidade da experiência turística em Itacaré.

Os principais pólos emissores do turismo nacional citados pelos hoteleiros são Minas Gerais e São Paulo, já o principal pólo emissor internacional é Israel. .

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES QUANTO AOS TURISTAS

Entre os entrevistados, 80% são turistas de São Paulo (maior pólo emissor para o local) e Minas Gerais e Rio de Janeiro e Brasília com 40%. Entre os turistas estrangeiros prevaleceram os europeus (maioria da Suécia) com 80% dos entrevistados e norte-americanos com 40%.

Entre tais visitantes, os estudantes aparecem em número significativo, mas os profissionais liberais com nível superior também são assíduos freqüentadores de Itacaré. A maioria viaja com amigos e em família, pois o turismo local é de lazer. Os pontos mais apreciados por eles são as praias, cachoeiras e toda a paisagem natural e construída do lugar. A prática do surf tão difundida nacionalmente, também constitui força de atração e integra a imagem conferida ao local.

A gastronomia ocupa lugar de destaque como um diferencial local, apontada pelos turistas nacionais e internacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dissemos, o presente relato refere-se a uma experiência vivida em prática orientada realizada em Itacaré, litoral sul da Bahia, com pós-graduandos do Mestrado *em Cultura e Turismo* da Universidade Estadual de Santa Cruz de Ilhéus, BA. Dessa forma, é importante esclarecer que não se pretende aqui esgotar o assunto, trata-se apenas de uma modesta contribuição aos questionamentos referentes ao processo de turistificação pelo qual toda a Costa do Cacau, sul da Bahia, vem passando nos últimos anos, tomando como exemplo o município de Itacaré.

O turismo exerce papel fundamental na atualidade, apresentando-se como um novo vetor de configuração espacial que pode causar inúmeros impactos ambientais, econômicos e sociais nos núcleos receptores, como Itacaré. É um fenômeno ambivalente que pode ser uma nova alternativa de desenvolvimento econômico, mas para que isso aconteça, o poder público local precisa assumir a sua parte na responsabilidade de orientar, coordenar e dirigir a implantação da atividade no município, dentro de bases sustentáveis.

Até o presente momento, o que se observou, através de nossos breves e preliminares estudos, foi a entrada significativa de capitais nacionais e internacionais (totalmente desvinculados da localidade), evidenciando-se uma apropriação da paisagem de maneira desordenada, modificando-a e trazendo certos impactos muito visíveis, tais como: alienação da cultura tradicional, certa marginalização da comunidade autóctone e degradação ambiental com construções de meios de hospedagem e casas de veraneio em espaços de proteção, estradas em áreas de mangue ultrapassando-se, claramente, o limite da capacidade da infra-estrutura turística local, desmatamento desordenado. Na zona urbana a precariedade dos serviços de saúde e de saneamento básico é uma realidade que incomoda o visitante que sente o “mau cheiro” logo ao chegar. Não há nenhum indício de movimento por parte da administração municipal em solucionar o problema da produção de rejeitos sólidos, muito menos de se promover a construção de um aterro sanitário (no lugar do Lixão) e implantar um sistema de coleta seletiva e reciclagem de lixo. O desemprego também foi outro problema muito sério apontado pelos entrevistados que contribui para a deterioração da qualidade de vida da população local.

Enfim, o turismo, enquanto atividade econômica, ainda não foi totalmente incorporado à dinâmica de Itacaré como uma alternativa viável de desenvolvimento de forma ampla. Ao que tudo indica, apenas alguns pequenos grupos é que se beneficiam de seus resultados.

Ruschmann (1997) diz que os danos ambientais provocados pelo desenvolvimento descontrolado do turismo causa impactos, tais como:

a) poluição:

- *do ar* - provocada pelos motores, pela produção e pelo consumo de energia;
- *hídrica* (oceanos, lagos, represas, rios e cachoeiras) – pelo lançamento de esgotos urbanos (que pode ser multiplicada por cem em certos locais, em épocas de maior afluxo de turistas) e de veículos de recreio (barcos que expõem gases, óleos e graxa, por exemplo);
- *de locais de piquenique* - pela ineficiência ou falta de coleta de lixo e pela falta de orientação dos próprios turistas;
- *sonora* - causada pelos motores de veículos de recreio (lanchas, *jet-skis*, ultraleves, carros etc) e pelos ruídos dos próprios turistas e entretenimentos para eles criados;

b) **destruição da paisagem natural e áreas agropastoris**, uma vez que o crescimento do turismo acarreta a construção de casas de veraneio, equipamentos e infra-estrutura para os turistas que podem alterar ou, até mesmo, destruir ambientes naturais;

c) **destruição da fauna e flora**, provocada pela poluição das águas, do ar e os ruídos dos turistas, assim como pisoteio da vegetação, coleta de frutas, plantas e flores, vandalismo chegando a incêndios casuais ou mesmo criminosos;

d) **degradação da paisagem, de sítios históricos e de monumentos** provocada pela instalação de modernos equipamentos, de dependências e de infra-estrutura para os turistas, cujo estilo e arquitetura podem não observar as construções tradicionais, trazendo desarmonia ao ambiente;

e) **congestionamentos** - pela concentração de turistas que congestionam os pólos receptores, principalmente as estradas e praias, impondo uma sobrecarga aos serviços de infra-estrutura e de entretenimento – o que vem intensificar a poluição do ar, sonora e dos recursos hídricos.

A crise ambiental atual nos leva a refletir sobre as maneiras de minimizar a distância existente entre a necessidade de produção e consumo e a necessidade de manter a integridade da base biofísica. O conceito de desenvolvimento sustentável surge no âmbito dessa questão, podendo ser definido como uma tentativa de satisfazer as necessidades do presente sem comprometer as necessidades das futuras gerações (Comissão Mundial sobre Ambiente e Desenvolvimento, 1987).

Introduzir esse conceito nas discussões sobre o uso turístico da paisagem é relevante, pois o que se tem visto na maior parte das áreas onde são praticadas atividades de lazer é a total despreocupação com a sua manutenção, tratada como uma mercadoria a ser consumida.

Assim, a adoção de um modelo de desenvolvimento sustentável exige mudanças na mentalidade das pessoas, para que a dimensão ambiental tenha um lugar privilegiado no cotidiano da população.

Sachs (1994) ressalta que a solução para o problema da pobreza e da destruição ambiental exige um longo período de transição de mais crescimento econômico, principalmente nos países dos hemisférios sul e leste, afirmando que o planejamento de desenvolvimento deve levar em consideração cinco dimensões de sustentabilidade:

- *a sustentabilidade social*, quando se construiria uma sociedade com maior equidade na distribuição de renda, reduzindo-se as desigualdades entre os padrões de vida dos ricos e dos pobres;
- *a sustentabilidade econômica*, com a gestão mais eficiente dos recursos naturais com um fluxo constante de investimentos públicos e privados;
- *a sustentabilidade ecológica*, respeitando-se a capacidade de carga do planeta, com uso controlado dos recursos dos ecossistemas, com um mínimo de danos aos sistemas de sustentação da vida, limitando-se o consumo de recursos esgotáveis ou poluentes, substituindo-se por recursos renováveis ou abundantes. A redução do volume de resíduos e da poluição se faria através da conservação de energia, de recursos e uso da reciclagem; intensificação da pesquisa para obtenção de tecnologias geradoras de baixos níveis de resíduos e eficientes para o desenvolvimento urbano, rural e industrial; definição de normas adequadas de proteção ambiental; enfim, a prioridade seria a promoção de medidas que assegurassem os meios de vida com base sustentável, com redução do crescimento populacional, compreendendo que os sistemas econômicos dependem dos sistemas ecológicos, complementando-se;
- *a sustentabilidade espacial*, direcionada para a obtenção de um arranjo espacial urbano-rural mais equilibrado e com distribuição territorial mais justa dos assentamentos humanos e das atividades econômicas, enfatizando: a redução das áreas metropolitanas; o incentivo à agricultura e exploração florestal através de técnicas regenerativas que propiciem o estabelecimento de pequenas propriedades através de linhas de crédito especiais e acesso a mercados; o reforço dos movimentos de descentralização industrial acoplada à nova geração de tecnologias, com referência especial às indústrias de biomassa, criando-se assim, empregos não-agrícolas nas áreas rurais; a proteção da biodiversidade; o respeito ao conjunto de soluções específicas para o local, o ecossistema, a cultura e a área.

Para que as propostas de Sachs acima mencionadas sejam, realmente, contempladas e efetivadas, é preciso que ocorra uma mudança de valores, de paradigmas que garantam o bem estar coletivo e as liberdades individuais.

A atividade turística em Itacaré ainda é frágil e não colabora, de maneira significativa, para a melhoria da vida da população em geral. Há ausência de um planejamento que além de visar o crescimento econômico, o associe à produtividade, destacando suas potencialidades e, ao mesmo tempo, permita o acesso das pessoas a iguais oportunidades.

Além disso, para finalizar, observou-se que a comunidade vem sendo “empurrada” para as áreas periféricas da cidade (o que provoca uma sensação de exclusão social, prejudicial para a manutenção da identidade cultural local), cedendo seus antigos espaços de moradia para migrantes ou estrangeiros que investem em serviços de restauração, meios de hospedagem e comércio. Este movimento vem acarretando um re-arranjo espacial e uma re-funcionalidade do espaço urbano de Itacaré.

É preciso que o Estado (aqui representado pela administração municipal) re-assuma seu papel de promotor de desenvolvimento social e econômico, incentivando a participação dos homens da comunidade local – como sujeitos da construção de sua história. Assim, o Turismo pode sim ser uma alternativa viável e sustentável.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Q. R. **Solos de tabuleiros costeiros e qualidade de vida das populações.** Ilhéus: Editus, 2000.

COMISSÃO Mundial sobre Ambiente e Desenvolvimento. **Nosso Futuro Comum.** Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1987.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA. **Geografia do Brasil. Região Nordeste.** Rio de Janeiro: Sergraf, 1977. v. 2.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA. Censo Demográfico. Rio de Janeiro: Sergraf, 2000.

HUECK, K. **As florestas da América do Sul.** São Paulo: UNBe e Pológono S.A. , 1972.

LACOSTE, Y. **La geografia, una arma para la guerra.** Barcelona, Anagrama,1977.

PRODETUR NE II. **Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável – Pólo Litoral Sul, Bahia, Brasil.** São Paulo: Secretaria de Turismo do Governo do Estado da Bahia, 2003.

QUEIROZ, O T. M. M. **Impactos das atividades turísticas em área de reservatório. Uma avaliação sócio-ambiental do uso e ocupação na área da Represa do Lobo, município de Itirapina, SP.** Tese de doutorado. EESC. USP, 2000.

RODRIGUES, A. B. **Turismo e ambiente. Reflexões e propostas.** São Paulo, Hucitec, 1997.

RUSCHMANN, D.V. D.M. **Turismo e planejamento sustentável.** Campinas, Papirus, 1997.

SACHS, I. **Estratégias de transição para o século XXI.** S.Paulo: Nobel, 1994.

SANTOS, M. **Espaço e método.** São Paulo, Nobel, 1992.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado.** São Paulo, Hucitec., 1997.

SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **O perfil financeiro dos municípios baianos: 1993-1996**. Salvador: SEI, 1998.

SILVEIRA, M. A. T. *Planejamento Territorial e Dinâmica Local: Bases para o Turismo Sustentável*. In: RODRIGUES, A. B (org.). **Turismo e Desenvolvimento Local**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

TORRES, A. P. **Estudo da Capacidade de Carga das Praias de Itacaré**. 2001. . Monografia (Graduação em Economia) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA, 2001.

RODRIGUES, A. B. **Turismo e ambiente. Reflexões e propostas**. São Paulo, Hucitec, 1997.

Resumo

O presente trabalho é um relato de experiência vivida em prática orientada realizada em Itacaré, litoral sul da Bahia, com pós-graduandos do Mestrado *em Cultura e Turismo* da Universidade Estadual de Santa Cruz de Ilhéus, BA. O exercício didático-pedagógico que deu origem a este artigo integra o conteúdo programático da disciplina *Produtos e Serviços em Turismo* ministrada por nós em meados de 2003.

O turismo exerce papel fundamental na atualidade, apresentando-se como um novo vetor de configuração espacial que pode causar inúmeros impactos ambientais, econômicos e sociais nos núcleos receptores, como Itacaré, Costa do Cacau, na Bahia. Este município que se localiza a 70 km ao norte de Ilhéus, um dos principais municípios do sul da Bahia, com clima tropical, vem despontando como um espaço privilegiado onde predominam as atividades de ecoturismo com muita praia e sol.

Enfim, o fenômeno turístico apresentou logo a sua ambivalência, surgiu como uma nova alternativa de desenvolvimento econômico local, principalmente, a partir da década de 1980, no auge da crise da monocultura cacauzeira. Por outro lado, apropriou-se da paisagem desordenadamente, modificando-a e trazendo certos impactos muito visíveis, tais como: ultrapassagem do limite da capacidade da infra-estrutura turística local, alienação da cultura tradicional, degradação ambiental e certa marginalização da comunidade autóctone.

Palavras-chave: turismo sustentável, ocupação desordenada, massificação.

Nota final:

Participaram da Prática Orientada e da elaboração de relatório os alunos: Adriana dos Santos Lemos; Alessandro Fernandes; Ana Paula Andrade Souza; Cyntia Andrade; Elenildes Santana Pereira; Irlândia Ramos; Maria Fátima Alves Sena; Letícia Rodrigues Antunes; Luis Henrique Brunelli; Mailane Vinhas de Souza; Marcelo; Nina de Napoli.

* Coordenadora do Curso de Turismo – Instituto Superior de Ciências Aplicadas - ISCA , Limeira, SP. Profa. Convidada do Mestrado *em Cultura e Turismo* da Universidade Estadual de Santa Cruz de Ilhéus, BA.

PERCEÇÃO AMBIENTAL, RECURSOS PAISAGÍSTICOS E TURISMO: UM PROJETO DE REVITALIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO FERROVIÁRIO

Profa. Selma Cury Agnelli*

Mediante os grandes avanços tecnológicos ocorridos no século XX, o surgimento de novos equipamentos e maquinários, o desenvolvimento dos meios de comunicações, a informatização, enfim, a grande transformação ocorrida na vida do Homem durante esse século, nos faz parar e pensar sobre o que teremos para contemplar de um tempo não muito distante, porém, bem diferente em seu cotidiano e, quais as medidas a serem tomadas por nós, para que tais lembranças não sejam perdidas para sempre, no sentido do resgate das memórias e imagens associadas à valorização de nosso patrimônio cultural, natural e construído.

Nesse sentido, a era ferroviária representou um marco importante no desenvolvimento de nosso país, principalmente no estado de São Paulo, facilitando o transporte de produtos agrícolas do interior para os portos marítimos, incentivando o desbravamento de terras cada vez mais distantes, aumentando muito nossa produção e expansão das áreas de cultivo do café. Na esfera sócio-econômica e cultural, a ferrovia contribuiu para muitas transformações, inclusive de paisagens, pois se tornou possível uma ligação entre os vários povoados e cidades e mesmo com outras regiões mais distantes, trazendo e difundindo as novidades da Europa em termos de moda, costumes, inovações tecnológicas e projetos arquitetônicos.

Não podemos admitir que atitudes e medidas tomadas em nome do progresso, simplesmente apaguem esta memória histórica como vem acontecendo, principalmente no meio ferroviário, após as políticas estatais visando as privatizações. A população não está percebendo que a modernização, bem como o avanço dos transportes ferroviários pode acontecer sem que seu patrimônio arquitetônico seja destruído, esquecido no tempo, relegado à deterioração.



Por enquanto, ainda podemos contar com pessoas que vivenciaram a era ferroviária e que podem contribuir muito no resgate dessa fase de nossa história, através dos relatos orais e da recuperação de documentos e das narrativas de fatos, muitas vezes esquecidos entre as lembranças pessoais e até mesmo de alguns lugares.

Temos observado que muito de nosso patrimônio histórico e cultural, salvo algumas exceções, encontra-se em diversos graus de estágios de degradação, deterioração, se perdendo, impossibilitando qualquer perspectiva de resgate, revitalização e/ou restauração, sem que nós, nem os órgãos institucionais façamos qualquer ação para protegê-los. Em se tratando do patrimônio de uma comunidade, não podemos simplesmente esperar ações governamentais, temos, sim, caso essas ações sejam esquecidas, reivindicarmos tais providências de caráter conservacionista.



Atenta a isso observamos que as estações ferroviárias, bem como todo seu acervo arquitetônico possibilita o despertar para uma nova demanda para os municípios bem como minimizar os efeitos da sazonalidade em muitas localidades que já desenvolvem alguns segmentos do turismo, como por exemplo a cidade de Brotas que hoje está em evidência no cenário nacional para a prática do ecoturismo, do turismo de aventura e o turismo ambientalista, usando como ícone de *marketing* a “água”, visto que este, em momentos intempéries e em algumas épocas do ano não propiciam essas atividades, assim é preciso que atrativos sejam planejados contemplando outros segmentos de demanda para que se consiga atingir o turismo sustentado.

O turismo cultural muitas vezes torna-se uma saída para muitos municípios pois ele não depende das condições do tempo e nem das férias escolares, época de maior frequência dos turistas, pois além de atrair demandas ainda não atingidas por falta de atrativos que possam atendê-las; como a melhor idade, estudantes e pesquisadores que usam o atrativo não só para o lazer mas também para o aprendizado pois sempre se leva alguma bagagem cultural de um atrativo dessa natureza, além da possibilitasse do município em desenvolver um trabalho preservacionista obtendo resultados positivos não só pela facilidade de aceitação da comunidade e dos órgãos municipais de Brotas já inteirados das vantagens de manterem e ampliarem os atrativos e equipamentos turísticos, como também em relação ao aproveitamento da demanda existente no local.

O objetivo de desenvolver atrativos culturais sustentáveis como produto para o turismo sempre nos remete ao estudo da percepção, interpretação e



representação do meio ambiente, subsídio de essencial importância para um projeto de revitalização, buscando respeitar a Natureza, a cultura do município, e principalmente, através de se recriar o passado, dando espaço aos avanços que a tecnologia oferece, mas sem descaracterizá-lo, proporcionando o conhecimento, e promovendo aos munícipes a oportunidade de usar a história como principal motivação para valorizar sua identidade paisagística; buscando apresentar alternativas para a mitigação e correção de impactos ambientais negativos gerados pelo Turismo, como também propiciar um novo segmento, implantando um novo produto através do Turismo Cultural a partir da Revitalização da Estação, integrando a estrutura maior da cidade e sua vocação turística.

Sob estes aspectos, o desenvolvimento do projeto também se direciona para os trabalhos a serem desenvolvidos com os munícipes, de forma participativa, pois a implantação de uma revitalização deve, a princípio, independente de ter ou não interesse de empresas privadas, ser da responsabilidade do órgão público municipal que deverá ter o apoio de toda comunidade, pois só assim estaremos de fato nos comprometendo a preservar/conservar o patrimônio local através de um processo de revitalização, fazendo que os novos usos de seus espaços e edificações sejam direcionados para o resgate de toda uma fase de nossa história, esperando que desperte o interesse de mais pessoas a se dedicarem em trabalhos dessa natureza.

Pretende-se também com a Revitalização a não exclusão, e sim a total participação dos moradores do seu entorno. Outro fator que merece atenção é o envolvimento afetivo de grande riqueza topofílica (TUAN, 1979), que os munícipes tem com a Estação, o que possibilita um estudo amplo, com forte envolvimento da comunidade, e que podemos chamar de memória local. (BOSI, 1994)

Compreende-se por Revitalização, uma tendência de recuperação dos monumentos históricos que surgiu na Itália, mais precisamente em Bolonha, nos anos 70, apresentando como idéia central a inclusão e a atração de moradores para as áreas degradadas, que podem abarcar áreas mais ou menos extensas, a exemplo de bairros ou centros urbanos, fazendo com que o local recuperado seja usufruído com melhores padrões de qualidade de vida e ambiental, integrando, áreas comerciais e residenciais e garantindo equipamentos culturais de qualidade.

As Estações Ferroviárias possuem uma beleza arquitetônica privilegiada, geralmente com sua localização central e acesso a pavimentados, suas dependências amplas sendo assim um cenário com grandes possibilidades para uma intervenção. Todavia, há outros fatos que podem reforçar ainda mais essa proposta. E para um melhor entendimento das atuais situações apresentadas por estes conjuntos paisagísticos, fazemos aqui algumas referências ao momento das transformações que se deram quando as ferrovias entraram em decadência, como meio de transporte, seja de mercadorias ou de passageiros.

A troca do transporte de passageiros através das ferrovias para as rodovias se deu a partir de 1950, com a substituição dos bondes e trens por lotações e ônibus. No livro *Vida Urbana – A Evolução do Cotidiano da Cidade Brasileira*, um dos autores, Francisco Salvador Veríssimo, explica que este momento histórico ocasionou várias mudanças, nas cidades e no seu planejamento urbano; pois muitas cidades se desenvolveram ou cresceram na área envoltória das estações, muitos equipamentos urbanos como lojas de conveniência, armazéns, hotéis, restaurantes, todos eles ficavam nessa região para maior comodidade dos usuários desse transporte, além disso estavam próximos para receber as mercadorias para a reposição em seus estabelecimentos, visto que a maioria delas chegavam através do transporte ferroviário.

Nas décadas de sessenta e setenta, foram instaladas no Brasil as primeiras indústrias automobilísticas, facilitando assim, a compra de automóveis, que acentuou o fortalecimento do setor de transporte rodoviário. As rodovias foram ganhando caminhos menos sinuosos e mais rápidos em comparação ao transporte ferroviário, que a cada dia perdia o seu principal objetivo, que era o transporte de carga e produtos até os portos.

O relevante neste recorte histórico seria o de mencionar que com o surgimento da indústria automobilística, os acessos facilitados pelas estradas, a migração do homem do campo para as cidades, ocasionaram de certa forma, uma ruptura com a memória ferroviária, e isto não se deu somente pelo fato das facilidades que o progresso proporcionava, mas também pelo sucateamento e desuso das ferrovias como meio de transporte coletivo, de carga e de produtos, e o conseqüente e progressivo abandono do seu patrimônio histórico-arquitetônico.

Aos poucos as estações ferroviárias iam se tornando, dentro das cidades, prédios sem um fim específico e, portanto, sem uso público. Em Brotas aconteceu o mesmo: a Estação Ferroviária deixou de ser útil, e a história, a memória local, foi-se perdendo com o passar

do tempo. Atualmente é um local abandonado, mesmo possuindo uma forte ligação com os seus municípios, observando-se entretanto, um descaso referente ao seu valor, como um recurso paisagístico que abarca o patrimônio cultural, histórico e arquitetônico de toda uma comunidade.

Sendo assim, através de constatações históricas e atuais, juntamente com a oportunidade de se poder dar uma nova vida ao local, que o Projeto de Revitalização da Estação Ferroviária vêm se tornando cada vez mais viável, representando alternativas tanto para a população local como para os turistas que afluem para a região, já conhecida pela beleza cênica de sua paisagem natural e de seus recursos; como o rio Jacaré Pepira usado para a prática dos esportes de aventura como: o *rafting*, canoagem e *bóia-cross*.

Sabemos que para podemos preservar e conservar esses bens históricos é preciso que aconteça um incentivo de uma política municipal de preservação e conservação do patrimônio arquitetônico e histórico e em seguida o tombamento feito pelo CONDEPHAAT.

Além dos envolvimento desses setores é preciso que toda e qualquer intervenção a ser feita no local, seja discutida e apresentada à população local, pois além de incrementar o turismo já existente na cidade, o projeto visa a participação efetiva dos municípios no seu dia a dia, permitindo que ele seja ocupado e recuperado através de novos usos sempre respeitando as opiniões da comunidade local, pois sabemos que a atividade do Turismo, gerou em muitos lugares a destruição de bens culturais valiosíssimos, pois não teve a preocupação com o envolvimento dos municípios; e foi devido a esse Turismo desenfreado e sem planejamento, um dos fatores que levaram à formulação de uma nova política ambiental protecionista, o que aliado ao trabalho em conjunto com os agentes denominadores de patrimônio tem a cada dia consolidado uma dinâmica diferenciada aos processos de preservação/conservação, buscando salvaguardar as condições de tutela dos nossos recursos paisagísticos naturais e construídos.

Porém, não é somente pelo Turismo que registramos uma deterioração e destruição dos bens culturais, temos que levar em conta outros fatores, relacionados aos riscos e impactos ambientais de diversas origens. Estes são apenas alguns exemplos, um outro não tão visível, mas de grande importância, está na falta do incentivo à cultura no início do ciclo educativo, incentivo este que têm sido bastante discutido nas últimas décadas em reuniões promovidas pela UNESCO.

Sob esta perspectiva, constituem os fundamentos do Turismo Cultural: *homem/espaco/patrimônio*, mas neste caso, o patrimônio (natural, herdado, construído e/ou em construção) representa mais nitidamente o elemento diferencial da busca, incluindo até representações de estilos de vida, e constituindo o que a UNESCO veio a denominar "*patrimônio humano*". Neste projeto é oportuno reforçar outros aspectos importantes correlacionados ao Turismo Cultural, sobretudo quanto a sua contribuição para o desenvolvimento endógeno, sobretudo por três razões:

1. *a utilização do patrimônio local como bem de alto valor econômico;*
2. *o estímulo às comunidades em termos de auto-estima, e;*
3. *a possibilidade de continuidade das propostas, independente de mudanças governamentais.*

Através do enfoque do Turismo Cultural, buscamos um melhor embasamento para intervir, junto a Estação Ferroviária. A revitalização do patrimônio será o início de um resgate histórico e cultural, junto à população local.

O nosso desafio é grande, como grandes são também as nossas potencialidades. O Patrimônio Histórico e Cultural brasileiro, juntamente com nosso meio ambiente, são bens únicos, inigualáveis e insubstituíveis. Cabe a nós valorizá-los e transformá-los em insumos que, com a garantia de sua sustentabilidade, tragam o desenvolvimento e a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos de nosso país. (CARVALHO, entrevista 1998)

O projeto de Revitalização usa das técnicas de segmentação de mercado, onde se vislumbra o aproveitamento de uma área que hoje se encontra degradada e abandonada pela população, que embora sem infra-estrutura adequada, apresenta condições para abrigar novos equipamentos de interesse turísticos, e principalmente transformar-se em um atrativo para a cidade.

A preocupação além de preservar é de estar agregando valores à paisagem, contribuindo para a recuperação e o reavivamento de sentimentos topofílicos (TUAN, 1980) na comunidade local, pois somente com o envolvimento desse setor, sem exclusões de nenhuma classe é que conseguiremos nosso real objetivo. Para Ruschmann (1997:29): *“Qualquer que seja o sistema econômico, social ou ideológico, e independente do seu grau de desenvolvimento, a população tem o direito de favorecer-se de todos os benefícios e vantagens proporcionadas pelo turismo”.*

Considerando que muitos patrimônios paisagísticos brasileiros estão abandonados, sofrendo agressões do homem e do tempo, como já mencionamos, observamos uma falta/insuficiência de políticas ambientais protecionistas incentivando as restaurações e intervenções nos patrimônios ferroviários, pois poucos se preocupam em recuperar áreas degradadas/deterioradas.

A Estação Ferroviária de Brotas por estar num local propício para uma intervenção pode usar da revitalização dos edifícios e de sua área de entorno, oferecer ao visitante mais uma opção de atrativo turístico.

O conjunto de edifícios apesar de apresentar uma arquitetura simples, manteve-se autêntico e fiel à construção original. Outro fator que merece destaque é que muitos dos moradores chegaram a Brotas por esse meio deste transporte ou então devido à expansão dos empregos oferecidos pela ferrovia, fatos que muito interferiram não só nesta comunidade, mas em outros municípios da região, por onde os trilhos passaram.

A preocupação com a conservação do patrimônio ferroviário tem crescido no Brasil, surgindo ao longo dos anos, algumas associações em prol à preservação ferroviária e, entre elas, a do *Movimento Amigos do Trem*, no Rio de Janeiro; o que para nós, nos serve de incentivo para o desenvolvimento de trabalhos visando o resgate destes espaços. Os edifícios ferroviários representam uma época, relatam uma história, e através deles buscamos a conscientização sobre a importância do conhecimento sobre as origens de um município e de seu desenvolvimento, da história de vida de seus habitantes. O patrimônio ferroviário tanto em seu conjunto arquitetônico como através de suas máquinas, objetos funcionais, etc, mostra a evolução e difusão dos métodos e tecnologias da engenharia civil e mecânica, dos serviços de comunicações, com novos usos de

metais e materiais, técnicas modernas para a época, século XIX, na construção de túneis, viadutos e pontes, importados da Europa.

Contudo, apesar do abandono da Estação Ferroviária de Brotas, esta representa através de seus prédios, um patrimônio de inquestionável valor histórico e arquitetônico conservando a memória de uma tecnologia, de um sistema de transporte, de um processo de humanização da paisagem. Apresentando um acervo de edifícios com tipologia única e peculiar, sendo dessa forma um desafio lançado para toda a comunidade para que se preocupe com a sua história, sua identidade, sua memória, e valorização dos seus recursos paisagísticos.

Instalações e cenários que no passado trouxeram sonhos e riquezas transformando toda uma paisagem, hoje, face às políticas econômicas implantadas e desenvolvidas, deixaram de ser relevantes, ou por não mais pertencerem aos projetos de políticas econômicas atuais, ou por não terem sido adaptados para as novas realidades sociais, encontram em completo abandono, sendo antros de ocorrências que mostram não apenas uma deterioração dos valores ambientais como também humanos, sujeitos a toda sorte de degradação, depredação e desvalorização.

Deste modo, na importância das ferrovias no contexto da formação das cidades e nos avanços sócio-econômicos que trouxeram, é que estão baseados os interesses de funcionalidade entre a Estação, os visitantes e os munícipes. Sob esta visão, Brotas vivenciou a Estação de modo particular. O município se fez maior com a construção da Estação, com a facilidade de escoamento de mercadorias e outros produtos, e também, para trazer à cidade outras vantagens como o de deslocamento de pessoas por toda a região com maior rapidez.

As lembranças que a Estação traz para os cidadãos são tocantes. Há relatos, alguns atuais, de pessoas que tiveram suas histórias de vida sobre os trilhos, ainda quando foi



possível usufruir os trens de passageiros. Alguns relatos dão a Estação uma lembrança

nostálgica com um certo grau de saudosismo, recriando uma paisagem vivida em outros tempos. Para a Sr^a. Dulce de Oliveira Pinto (in memorian), as lembranças eram essas:

“Eu adorava a Estação. Eu sabia todos os trens. Minha distração era pegar as minhas amigas, por no meu Fordinho e ver o trem passar e dizer adeus aos passageiros, aquelas coisas todas. E sabe o que eu fazia? O trem passava aqui, eu pegava o Fordinho, eu ia feito uma louca até Espriado, que era uma estaçãozinha logo adiante, esperar o trem outra vez. Eu chegava junto com o trem, sabe? E aqueles passageiros ficavam bobos. Já tinha uns dois ou três automóveis de praça e eu pegava passageiro. Porque eu não cobrava nada, então já fui criando fama e os choferes de praça ficavam loucos da vida”.



E é devido a esse e outros relatos que o estudo da percepção e interpretação do meio ambiente torna-se de essencial importância para que o projeto possa se sustentar e tomar um formato, pois será através dessas histórias vividas que recriaremos o passado; dessa forma a primeira proposta de restaurar os edifícios dando a eles novos usos se torna insuficiente agora ele se grandioso e assim é preciso recuperar seu entorno e o movimento dos trilhos. Foi devido a esse relato que foi preciso novas pesquisas entre

antigos moradores, e pessoas que trabalhavam ou usavam o trem como transporte) e a pergunta feita a eles foi a seguinte? O que a estação trás de recordação para você? As respostas foram muitas:

Entre as lembranças muitas palavras foram citadas:

- apito
- cheiro da borracha queimada
- encontros com amigos para estudo;
- o acerto da hora;
- a comida;
- a nostalgia;
- o toque da banda;
- a jardineira,
- os forquinhos;
- muita saudade;
- o próprio trem
- o barulho nos trilhos...

Essas palavras mostram que para agradar a comunidade, o importante era além do restauro nos edifícios, que o trem também voltasse, foi aí que perguntei se era preciso um trajeto longo, e para minha surpresa a maioria disse que não, eles diziam que o bom seria que pelo menos tivéssemos um trem que pudesse fazer pelo menos um pequeno passeio, e então como a Estação de Espirado fica a aproximadamente sete quilômetros da estação de Brotas, penso que a junção das duas pudesse ser feito através de trem turístico que pudesse agregar as duas edificações áreas de múltiplos usos, que além de propiciar o entretenimento e lazer pudesse trazer um pouco das histórias dos munícipes e da ferrovia através de um museu que poderia ser montado no prédio principal da estação.

Os novos usos: o museu

A Estação Ferroviária de Brotas foi aberta ao tráfego em 1929. O edifício é de alvenaria de tijolos, retangular, de um pavimento, medindo aproximadamente 170 m², com seu lado maior disposto paralelamente aos trilhos, estando a entrada principal no centro da fachada. A fachada é protegida por uma marquise com estrutura metálica. O prédio apresenta uma Arquitetura Eclética.



Esse edifício, poderá abrigar o MUSEU, resgatando a memória social da cidade, remetendo os visitantes a uma viagem ao passado guiados por fotos, documentos, registros e depoimentos colhidos através de filmes e entrevistas feitos especialmente com moradores de Brotas, tais documentos serão catalogados e preservados em sua integridade. Podem ser levantados também diferentes aspectos e versões sobre cada período histórico para que a história local seja levantada a partir da pluralidade de experiências vivenciadas.

O museu servirá como pólo de atração turística, possibilitando um processo dinâmico e interativo para os turistas, integrando cultura, lazer e turismo. Esse projeto, portanto, constitui-se em excelente oportunidade de ligar a Ferrovia ao novo período de desenvolvimento econômico advindo com o fomento do turismo na cidade e região. Ele poderá ser implantado dentro de uma concepção moderna, no qual procuraremos estimular o olhar, fazendo com que a curiosidade faça o visitante pesquisar e descobrir a história do lugar, seus significados e suas emoções, não basta simplesmente dispormos os objetos da época, para nós, irá muito além disso, o importante é os sentimentos que tudo aquilo traz, o porque das pessoas sempre se lembrarem dos acontecimentos vividos nas estações. É justamente isso que agregará valor a esse produto turístico, valorizando o patrimônio e por sua vez resgatará a história e a cultura, sendo assim um elemento facilitador para a interação do visitante com cada objeto disposto dentro do espaço do museu, propiciando assim um melhor aprendizado.

Para nós planejadores, o papel do museu será o de situar entre o passado e o presente, é garantir que existiu um passado, uma história; sendo um instrumento para garantir que no futuro existiu passado. Foi pensando assim, que podemos fazer um museu dinâmico que nos proporcionasse experiências de estarmos vivendo situações da época, como a comprar de bilhetes, já que propomos um trem até Espiraiado, dessa forma toda a movimentação nos fará lembrar o passado, a lembrança do apito, do barulho sobre os trilhos, do maquinista, da banda, do fordinho entre outros sentimentos e lembranças.

O resgate histórico da construção da ferrovia, do ciclo do café, e toda a relação que os caminhos de ferro trouxeram para a cidade serão contados nesse museu, assim proporcionará também programas educacionais, conjugando o aprendizado com o lazer, esses programas poderão ser feitos com monitores treinados especialmente para esse atrativo.

Como esse museu será montado com a participação da comunidade, propomos que a monitoria no atrativo seja feita por crianças e pela melhor idade, pois o intuito é sempre estar integrando toda faixa etária e dessa forma poder justificar que esse projeto atrairá todas as idades, assim toda essa história poderá ser passada de geração a geração.

O museu além dos objetos do passado poderá mostrar nossa realidade, pois no museu, tempo e espaço serão esquecidos, o diferencial desse espaço é a experiência que ele irá nos transmitir e a importância de se preocupar com a conscientização para a preservação de nossos patrimônios e de nossa identidade.

Considerações finais:

“A vida de uma cidade é um acontecimento contínuo, manifestado ao longo dos séculos por obras materiais, traçados ou construções, que dotam de personalidade própria, da qual vai emanando sua alma pouco a pouco. São esses testemunhos preciosos do passado que serão respeitados: primeiro, por seu valor histórico e sentimental; segundo, porque alguns levam em si mesmos uma virtude plástica na qual toma corpo e o mais alto grau de intensidade do gênero humano.” (PIRES, 1994)

No contexto do desenvolvimento sócio-econômico e dos aspectos funcionais relativos à paisagem e o significado da ferrovia, consideraremos os processos de revitalização da área como a principal proposta para uma intervenção na Estação Ferroviária de Brotas, onde destacaremos a importância de se tratar a paisagem vivida como uma ligação entre o passado, o presente e o futuro capaz de modificar até mesmo o modo de vida de um município. A retomada de valores associados ao patrimônio construído, possibilita-nos que uma história seja (re)criada para fazer do presente a busca de um futuro melhor, tendo em vista o desenvolvimento da comunidade através da alternativa proporcionada pelo Turismo Cultural Ferroviário.

Atualmente, o turista tem se tornado mais exigente quanto aos atrativos que lhes são oferecidos, procurando além do lazer, outros valores agregados ao produto turístico. Foi essa a preocupação que nos motivou a transformação do espaço pertinente à Estação Ferroviária, num atrativo que oferecesse não só o lazer, mas também que desenvolvesse o interesse pela cultura local, levando em consideração o acervo histórico-arquitetônico existente em função do patrimônio paisagístico representado pela estação ferroviária, como uma das maneiras de despertar o interesse dos visitantes através da interpretação desse patrimônio, mostrando sua singularidade, seus símbolos e significados mais marcantes.

A interpretação contribui para que o visitante possa compreender a essência do lugar, possibilitando o entretenimento e inspiração de novas atitudes, novas emoções, ao invés de passar apenas informações factuais. Para que uma interpretação obtenha resultados significativos, o planejador deve ter um bom conhecimento técnico, efetuar muitas

pesquisas junto à comunidade, pois é com essa participação que a interpretação cria alma. Com a participação da comunidade, mais pessoas se envolvem com a valorização e significado do patrimônio paisagístico, redescobrimo novas formas de olhar e desenvolvendo atitudes preservacionistas/conservacionistas, criando elos afetivos e uma identidade com a paisagem, permitindo a sensibilização para as questões ambientais.

No caso, a interpretação ambiental tem dupla função de valorização. Valoriza o próprio patrimônio, transformando-o em atração turística e a própria apreciação e compreensão do local visitado. É também elemento essencial à conservação e gestão do patrimônio uma vez que orienta o fluxo de visitantes visando a proteção do objeto da visita.

Com a interação entre visitantes e a comunidade a experiência vivenciada é valorizada. É de extrema importância a interpretação que a pessoa dará sobre o local, pois ela influencia na agregação de diferentes valores à paisagem, constrói o sentido de lugar: é através de informações e interpretações que iremos realçar a história e, dessa forma, mostraremos a importância de proteger o meio ambiente às gerações futuras.

Assim torna-se preciso adequar este espaço para o público visitante, e dessa forma, a preocupação em facilitar o entendimento das informações respectivas ao lugar visitado é de suma importância. Temos que passar as informações de forma atraente despertando não somente a curiosidade do público, mas também o seu envolvimento, a sua identificação com os lugares desta paisagem. Neste cenário, a posição em que nos enquadrados em uma sociedade é, para a mesma, um fator de mudança de comportamento social, econômico e político.

Trabalhamos com o planejamento de uma localidade em termos de atividades que tem como função, em primeira instância, o aproveitamento e valorização de seus recursos paisagísticos naturais, históricos e culturais, de maneira que gerem em seus habitantes uma forma de captação de recursos para a economia local. Em muitos casos há a necessidade de uma transformação dos atuais hábitos, do resgatar e reaprender antigos costumes tradicionais que há muito estavam esquecidos no tempo, da retomada de uma identidade territorial/paisagística, dando assim significância aos processos de resgate da memória local, contribuindo para o desenvolvimento das ações pertinentes ao planejamento turístico local e regional, visto que atualmente é preciso se inserir em um polo de turismo para que se consiga atingir o que o Plano Nacional de Turismo propõe que é desenvolver o turismo integrado, ou seja a valorização não só do município em questão mas também dos municípios vizinhos.

Atualmente sabemos que é preciso sempre buscar um diferencial para que nossos atrativos se posicionem para que consigam atingir o público esperado e para conseguir através desse produto turístico sua sustentabilidade. É preciso sempre valorizar a cultura local pois sabemos que somente um turismo enraizado consegue se manter forte por um longo período, ainda é tempo para buscarmos na nossa história relatos que possibilitem o resgate de situações vividas e que ainda estão muito presentes na memória das pessoas. Muitos pesquisadores esquecem esses detalhes buscando somente construir edifícios novos esquecendo-se da maioria dos edifícios históricos fechados se deteriorando pelas ações do homem e do tempo podendo com certeza fazer parte da vocação turística de um local, a cultura esta geralmente com os analfabetos se perdendo pelo preconceito.

Não é fácil estar na política pública e perceber que a maioria dos eleitos não respeitam nosso patrimônio, nossa história e nossa identidade: se preocupando muitas vezes em fazer “coisas” novas, grandes para chamar a atenção se esquecendo que muitas vezes não é isso que a população quer e necessita, pois sabemos que pela falta de emprego e conseqüentemente renda, a maioria das pessoas não tem onde ir em seu tempo livre pela falta de transporte e dinheiro visto que a construção ou recuperação de áreas degradadas podem se transformar num local propício ao lazer não só para o turista mas para toda a comunidade, pois o turismo só se desenvolve quando a própria comunidade está contente em viver na cidade. O envolvimento da sociedade é de extrema importância para a atividade do turismo pois só arrumamos a casa se realmente queremos receber bem a pessoa que esperamos encontrar, em muitos casos nem convidamos as pessoas para nos visitar, tornando assim um local sem hospitalidade para os visitantes.

BIBLIOGRAFIA

BARRETO, Margarida .**Planejamento e organização em turismo**. Campinas: Editora Papirus, 1991.

BENI, Mario Carlos. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: Editora SENAC, 2ª edição, 1998.

DAY, R. H. **Percepção Humana**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1972.

DEL RIO, V. e OLIVEIRA, Livia.(org). **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, 1999

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Editora Futura, 1998.

FERREIRA, Ivete Senise. Tutela Penal do Patrimônio Cultural. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1995

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro UFRJ: IPHAN, 1997.

FORGUS, Ronald H. **Percepção: o processo básico do desenvolvimento cognitivo**. São Paulo: Editora Herder, Editora Universidade Brasília, Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

FRÉMONT, Armand. **A Região, Espaço Vivido**. Coimbra: Almedina, 1980.

FRÚGOLI JR, Heitor. **Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole**. São Paulo: Cortez Editora da USP, 2000.

GERARDI, Lucia Helena de Oliveira; MENDES, Iandara Alves (orgs). **Teoria, Técnicas, Espaços e Atividades: temas de geografia contemporânea**. Rio Claro: Programa de Pós-Graduação em Geografia – UNESP; Associação de Geografia Teorética – AGETEO, 2001.

GUIMARÃES, S.T.L. *Percepção Ambiental e Conservação de Recursos paisagísticos em Áreas de Turismo Rural e Ambiental* , In: FERREIRA, Yoshiya Nakagawara (org), **Construção do Saber Urbano Ambiental – a caminho da transdisciplinaridade**. (Coleção Saber Urbano Ambiental), ISBS: 85-89011-20-8, capítulo IV – Turismo e

Ambiente: questões teórico-metodológicas, pp.334-345, ISBS: 85-89011-20-8. Londrina: Humanidades, 2002.

HOCHBERG, Julian E. **Percepção**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Arquitetura do ferro e arquitetura ferroviária em São Paulo: reflexões sobre a sua preservação**. São Paulo: Atelier Editorial – Fapesp, Secretaria da Cultura, 1998.

LAGE, Beatriz Helena Gelas, MILONE, Paulo César (orgs). **Turismo: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000.

LEMOS, Carlos A. C. **O que é o patrimônio histórico**. São Paulo: Editora Brasiliense S/A, 2ª edição, 1982.

LOPES, Rodrigo. **A cidade intencional: o planejamento estratégico de cidades**. Rio de Janeiro: Mauad, 2ª edição, 1998.

LOPES, R. B., GUIMARÃES, S. T. L., KITAMURA, P. C. *Geografia e Turismo Rural: considerações sobre a pesca esportiva no espaço urbano-rural*. **Cadernos de Geografia**, ISSN 0103-0427 Belo Horizonte, v.11, n.17, p.97 - 106, 2001.

MATOS, Odilon Nogueira de. **Café e ferrovias – a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira**. Campinas: Editora Pontesm, 4ª edição, 1990.

MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Políticas públicas setoriais de lazer – o papel das prefeituras**. Campinas: Editora Autores Associados, 1996.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**, pp – 1842. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MINAMI, Issao. **Projeto de preservação e resgate de Paranapiacaba**. São Paulo: USP. Dissertação de Mestrado, 1989.

MURTA, Stela Maris; GOODEY, Brian. **Interpretação do patrimônio para o turismo sustentado – um guia**. Edição SEBRAE/MG, 1995.

NUNES, Ivanil. **As ferrovias em São Paulo**. Rio Claro: UNESP. Dissertação de Mestrado, 1993.

PIRES, Maria Coeli Simões. **Da proteção ao patrimônio cultural: o tombamento como principal instituto**. Belo Horizonte: Del Rey, 1994.

RAMOS, Adriana; BUSSAB, Leila; SOUZA, Mônica de; SANSONI, Silvia **Brotas, cotidiano e história**. CDD – 981.612, 1996.

REIS, Nestor Goulart. **Relatório técnico para as obras de recuperação da estação de Brotas**. São Paulo: PLANART S/C (Planejamento e Arquitetura), 1978.

_____. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1983.

SAES, Flavio Azevedo Marques de. **A grande empresa de serviços públicos na economia cafeeira 1850 – 1930**. São Paulo: HUCITEC, 1986.

SIMMONS, I. G. **Interpreting nature: cultural constructions of the environment**. London: Routledge, 1993.

SIMMONS, I.G. **Ecologia de los Recursos Naturales**. Barcelona: Omega, 1982

SOUZA, Marcelo Lopes de. **O desafio metropolitano: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

TAUK, Sâmia Maria; GOBBI Nivar; FOWLWE, Harold Gordon (Orgs). **Análise ambiental: uma visão multidisciplinar**. São Paulo: UNESP, 1991.

TYLER, Duncam. GUERRIER, Yvonne, ROBERTSON, Martin (orgs). **Gestão de turismo municipal: teoria e pratica de planejamento turístico nos centros urbanos**. São Paulo: Futura, 2001.

YÁZIGI, Eduardo. **O mundo das calçadas: por uma política democrática de espaços públicos**. São Paulo: Humanitas/Imprensa Oficial do Estado, 2000.

WHYTE, Anne V.T. *Guidelines for Fields Studies in Environmental Perception*, **Technical Notes 5**. Paris: UNESCO, 1977

* Secretaria Municipal de Turismo de Torrinha(SP), docente dos cursos de turismo da FIP/ Barra Bonita e da FAESO /Ourinhos ; mestranda em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente/UNIARA, Araraquara (SP); e.mail: selma_cury@hotmail.com